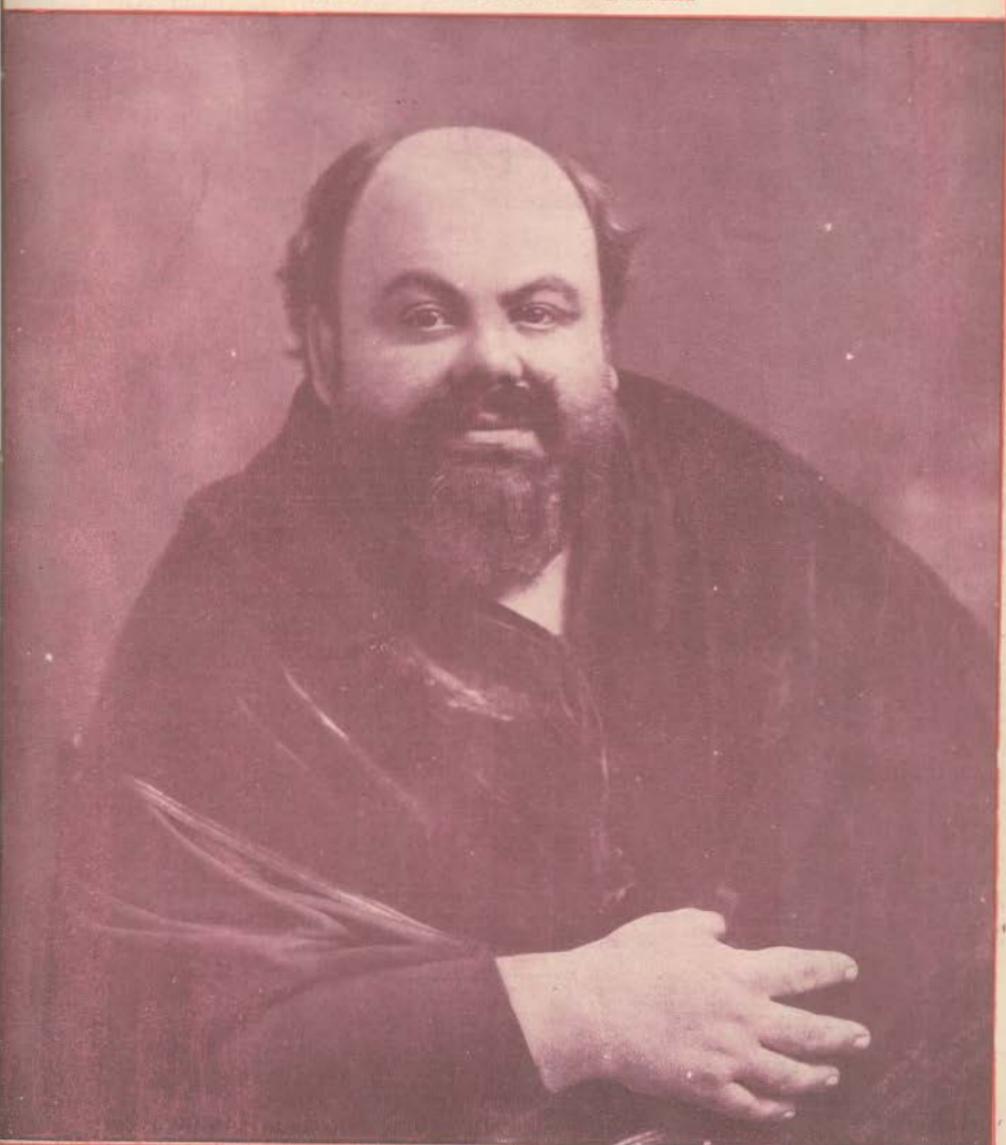
Illustração Portugueza

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias = EDITOR José Joubert Chaves

Assignatura para Portugal, colonias e Hespanha: Anno 4$800 | Semestre 2$400 | Trimestre 1$200

Assignatura conjuncta do Seculo, do Supplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portugueza — PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA: Anno 8$000 | Semestre 4$000 | Trimestre 2$000 | Mez (em Lisboa) 700

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS — Rua Formosa

Summario

Bicyclettes

A casa «Simplex», a que mais barato vende, acaba de receber de Inglaterra um completo sortimento de bicyclettes e accessorios que se vendem a preços sem competencia. Bicyclettes «Simplex», «B. S. A.» e Linox. Recebeu-se nova remessa da nova marca de bicyclettes «Imperial», ultimamente adquirida por esta casa e que tão lisongeiro acolhimento tem tido devido não só á sua elegancia e boa qualidade de fabrico e de todos os accessorios como bem esmaltada e do quadro tracejado que se vendem a preços sem competencia. Grande sortimento de protectores inglezes, buzinas, lanternas, correntes, etc., etc. Já está em distribuição o novo catalogo de 1606-1907. Descontos para revender. **J. Castello Branco**, rua do Soccorro, 48, e rua de Santo Antão, 32 e 34 —Lisboa.

O melhor relogio em ouro, prata e aço

O unico que em dois annos conseguiu impôr-se a todas as outras marcas

A VENDA EM TODAS AS RELOJOARIAS E OURIVESARIAS DO PAIZ

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaia e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Valle Maior (Albergaria a Velha.)
Installadas para uma producção annual de cinco milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria.
Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho.
Toma e executa promptamente encommendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de fôrma

ESCRIPTORIOS E DEPOSITOS:

Lisboa — 270, Rua da Princeza, 276
Porto — 49, Rua de Passos Manuel, 51

Endereços telegraphicos: LISBOA, COMPANHIA PRADO
PRADO—PORTO—Lisboa: Numero telephonico 508

Grandes armazens de moveis de ferro e colchoaria de

José A. de C. Godinho

54, Praça dos Restauradores, 56

LISBOA

Grande variedade em pannos de algodão e linho recebidos directamente de Paris, do Comptoir de l'Industrie Linière.

Union Maritime e Mannheim

Companhia de seguros postaes, maritimos e de transportes de qualquer natureza

A Companhia La Union y El Fenix Español, R. da Prata, 59, 1.º, effectua seguros sobre a vida mediante varias condições, inclusivé o seguro denominado «Popular» para o qual não é necessario certificado medico.

Directores em Lisboa

Lima Mayer & C.ª

RUA DA PRATA 59 1.º

NOVO DIAMANTE AMERICANO

RUA DE SANTA JUSTA, 96 — JUNTO AO ELEVADOR

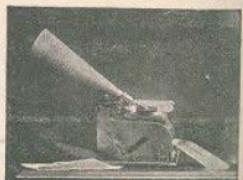
A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A unica que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anneis e alfinetes a 500 réis, broches a 800 réis, brincos a 1$000 réis o par. Lindos collares de perolas a 1$000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei. Não confundir a nossa casa.

A maior maravilha do seculo!!

PHONO-POSTAES

Cada machina completa para fallar e reproduzir 7$500 reis.
Bilhetes para a dita 50 réis cada.

J. Santos Rocha

Lisboa — 98, Rua do Arsenal, 98 — Lisboa

Auto da Festa

A litteratura portugueza devia já ao nobre conde de Sabugosa, herdeiro glorioso da tradicção erudita dos Cesares e dos condes de S. Lourenço, algumas obras primas de reconstituição historica e de fidalga delicadeza poetica. O auctor d'esses versos tão singularmente galantes a um *Velho Alabardeiro*, que se diriam lavrados em fino ouro, e da admiravel evocação de cinco seculos de historia feita a largas pinceladas, como n'um fresco immenso, através as paginas modelares do *Paço de Cintra*; o academico illustre cujá voz se ergueu na defeza dos preciosos documentos do nosso archivo nacional, com o carinho de um portuguez e a devoção de um erudito; o contista leve, picando a phrase com a delicadeza d'um ponto de Bruxellas, ferindo a nota do sentimento com a sobriedade commovida de um puro artista, que de braço dado com o conde d'Arnoso nos deu um dos mais bellos livros de contos da moderna litteratura; o conde de Sabugosa já tinha largamente honrado, com a affirmação d'um talento que vale uma fidalguia, o sangue litterario que lhe corre nas veias e as fustas heraldicas de Cesares que esmaltam o segundo quartel do seu escudo d'armas. O descendente do grande Diogo Cesar, que Camillo resurgiu em toda a luz na *Lucta de Gigantes*, e do auctor das *Memorias para a Educação de um Principe*, o «grande memorião» S. Lourenço, como o marquez de Rezende lhe chama no *Serão das Piroas*, pagára já a sua divida de gloria ao talento e á erudição dos seus avós. Mas nem por isso adormeceu sobre a castrense d'ouro dos triumphos colhidos; o illustre academico continuava a luctar, a procurar, a investigar, na intimidade grave, solarenga, quasi monacal da sua bibliotheca de Santo Amaro: a folhear os seus manuscriptos guardados atravez gerações, os velhos tombos da sua casa, os seus velhos chronicons, os pacientes genealogistas do seculo XVIII, os velhos poetas dramaticos do tempo de «capa e espada»,— e um bello dia, n'uma preciosa collecção de litteratura de cordel, no tomo III d'uma serie de variedades, quando menos estava preparado para tão preciosa revelação, surgiu deante dos seus olhos uma joia desconhecida da obra de Gil Vicente, dezeseis paginas d'oiro do mais singular e expontaneo temperamento de poeta que deitou Portugal, um *Auto* inteiro que ninguem conhecia, um exemplar unico d'uma obra roubada durante seculos á nossa admiração de portuguezes,— uma maravilha que os seus olhos viam, que as suas fidalgas mãos tocavam, que o seu espirito devorou cheio de religiosa uncção e de puro enlevo. Ao *Auto da Barca*, ao *Auto da Feira*, á *comedia de Rubena*, á *Moçina Mendes*, ao *Auto da Luzitania*, ao *Auto Pastoril*, ao *Auto da Visitação*, pode hoje juntar-se, graças ao sr. conde de Sabugosa, mais uma obra prima ignorada: o *Auto da Festa*, representado pelo Natal, nos salões do conde de Vimioso. A todo o luminoso theatro d'esse «poeta barrigudo que andava pelos sessenta», a devoção erudita do illustre fidalgo accrescentou desde hoje mais um documento inapreciavel de expontaneidade e de graça.

Conde de Sabugosa—*Retrato de Carlos Reis*

A *Illustração Portugueza* sauda o glorioso auctor do *Paço de Cintra*, e agradece-lhe, em nome de Portugal, a revelação preciosa que lhe fica devendo a litteratura portugueza.

Gravura do frontispicio no folheto se acentista : o «Auto da Festa»

Ponham-se direitas, minhas meninas

— Vá, Theroza, põe-te direita!

Que de vezes ouvi esta objurgatoria, quando era pequena! Minha mãe continuamente m'a endereçava com um tom imperioso de commando, em que a bondade se esforçava por parecer severa; meu pae acompanhava-a sempre com um belisrão inoffensivo e amoravel; meu irmão sublinhava-a puxando-me pelas tranças, com o pretexto de obrigar-me a endireitar. A propria creada, de vez em quando, tambem se lembrava de dizer-me, com um pequenino ar auctoritario, que me irritava:

— Ponha-se direita, menina!

Ah! quanto este ritornello domestico me atacava os nervos, e entretanto, como elles tinham todos razão, esforçando-se com tanta obstinação em inculcar ao meu corpo «bons costumes» physicos! É d'estes habitos, adquiridos desde a infancia, que dependem o nosso porte e elegancia de raparigas, primeiro, e de mulheres, mais tarde. Um corpo direito e esbelto é o mais nobre distinctivo da belleza. A mais deliciosa cabeça perde oitenta por cento da sua seducção, se a vemos n'um corpo desgracioso, entortada entre os hombros, emquanto um corpo elastico e esbelto, uma attitude direita, sem rigidez, fazem esquecer e perdoar as feições defeituosas.

Amigas leitoras que, como eu, tendes filhas, que sonhaes fazer d'ellas perfeitas mulheres, completas debaixo de todos os pontos de vista, que as ambicionaes virtuosas, intelligentes e amadas, que aspiraes a que ellas cumpram o seu glorioso destino de agradar, tratae desveladamente, carinhosamente, da sua alma e do seu espirito, preparae-lhes generosos corações e esclarecidas intelligencias, mas não esqueceis de velar pela sua belleza physica. Não ide pensar que vou convidar-vos para uma lição de *coquetterie* ou para um curso de gymnastica. Trata-se apenas de alguns pequenos conselhos, dados sem complicação e sem vaidade, e com que, tenho a certeza, as vossas lindas filhas, camaradas das minhas, hão de lucrar.

Mandae collocar a creança como o indica a gravura: Os calcanhares juntos, os pés abertos em angulo...

E antes de mais nada, mandae collocar a creança como o indica a primeira gravura: os calcanhares juntos, os pés abertos em angulo, e dizei-lhe para que se esforce, sem dobrar os joelhos, por attingir os pés com a extremidade dos dedos. Esta posição faz resahir os ossos da columna vertebral, e basta uma rapida inspecção do olhar para descobrir o mais insignificante desvio. Se elle existir, não hesiteis um minuto, ide consultar um medico. Será ainda tempo de remediar um mal que, a não ser immediatamente corrigido, não tardará em gerar os mais graves inconvenientes.

É impossivel obter a perfeita symetria do corpo, se não se lhe impõe um trabalho harmonicamente distribuido. O defeito de equilibrio que se nota na maneira de andar de algumas mulheres, mesmo as mais elegantes e lindas, provem de que, pelo uso mais frequente do braço direito, todos os musculos d'este lado se desenvolvem desproporcionalmente aos do lado esquerdo do corpo. É esta uma circumstancia para a qual raramente se olha com attenção, tanto o facto parece natural e diffiil de evitar. Comtudo, não ha motivo para que tenhamos um dos lados do corpo mais desenvolvido e fortificado que o outro. E', pois, de uma pratica excellente o habituar cedo as creanças a servirem-se indifferentemente de um ou outro braço e não radicar n'ellas a «preguiça vulgar do braço esquerdo». Da mesma fórma, não consenti que as vossas filhas se mantenham de pé, como a maior parte das creanças são inclinadas a fazel-o, deslocando todo o peso do corpo para uma das pernas, ou que se sentem com uma perna dobrada sobre a outra.

Uma rapida vista de olhos sobre as illustrações d'este artigo vos convencerá facilmente de que esta creança sentada, com o cotovello apoiado no braço da cadeira e de pernas cruzadas, tem os hombros mettidos para dentro, o peito contrahido, a cabeça inclinada para a frente e os olhos demasiado sobre o livro que está lendo: o que pode desenvolver n'ella a myopia. Uma tal attitude é defeituosa e seria lamentavel que se inveterasse em habito. Quando uma

Deitae a creança sobre uma mesa solida, cujo rebordo ella se agarrará com ambas as mãos...

Não consenti que vossas filhas se sentem com uma perna dobrada sobre a outra...

creança se senta á sua mesa para estudar, tende cuidado em que a cadeira em que ella se senta e a mesa sejam de alturas proporcionaes, e que a distancia entre a cadeira e a mesa seja regulada de fórma que a creança não se curve para ler, antes que possa ficar direita, com os hombros collados ás costas da cadeira e os pés repousando sobre um banco ou almofada. Habituada a esta posição, a creança nunca mais, durante a sua vida, adquirirá outra e d'ahi lhe advirão beneficios.

Nunca uma creança deve conduzir pesos superiores ás suas forças. Evitae que vossas filhas peguem nos irmãos mais novos ao collo. É um costume perigoso e prejudicial.

Para obter que uma creança se habitue a andar direita, empregava-se antigamente um meio excellente e de applicação facilima. Consistia em collocar-lhe sobre a cabeça um livro ou outro qualquer objecto. A necessidade do equilibrio obrigava-a a manter uma attitude correcta. O processo era engenhoso e optimo. Podeis experimental-o.

Mas ha um capitulo para o qual muito particularmente recommendo a vossa attenção. Frequentemente acontece que as creanças respiram mal, quer seja em consequencia de precipitação demasiada no jogo respiratorio, de onde resulta o não encherem devidamente os pulmões, quer porque não saibam realmente fazer aspirações salutares e profundas. Ora, a respiração, assegurando o livre desenvolvimento do peito, é uma das operações mais essenciaes á vida e á harmonia do corpo da mulher. É preciso ensinar as creanças a respirar bem. E é este um dever sagrado das mães. Para attingir este fim ha diversos processos. Limitar-me-hei a citar um dos mais simples. Deitae a creança no chão, perfeitamente direita, com os braços estendidos ao lado do corpo, mãos abertas no soalho. Dizei lhe para respirar de vagar, longamente e lentamente, *pelo nariz*, tendo o cuidado de conservar-lhe a bocca hermeticamente fechada. Quando os pulmões tenham absorvido toda a quantidade de ar que possam conter, que a creança levante os braços e em seguida os desça até tocar com os dedos no tapete, para em seguida os reconduzir lentamente á sua posição primitiva. Durante esta operação, exhalará o ar que acabou de aspirar.

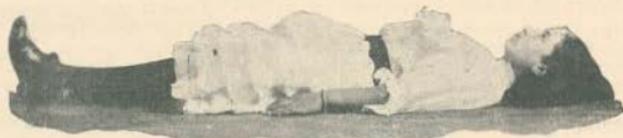
A distancia entre a cadeira e a mesa deve ser regulada de fórma que a creança não se curve para ler ou escrever...

Varios exercicios d'este genero são excellentes para fortificar o torso e os membros inferiores. Entre elles, mencionarei o seguinte:

Deitae a creança sobre uma mesa solida, a cujo rebordo ella se agarrará com ambas as mãos, servindo-se d'elle como de um ponto de apoio. Em seguida dizei lhe para levantar a cabeça e o peito. Ao mesmo tempo segurae-lhe nas pernas pelo tornozello e erguei-lhe o mais possivel o corpo acima da mesa. Este mesmo exercicio pode repetir-se com a creança estendida de costas. Em ambos os casos é necessario operar lentamente, com a maior precaução, evitando todos os movimentos bruscos.

Uma attitude defeituosa, que seria [illegible] se inveterasse em habito...

Para que a creança tenha um lindo andar, é importante não descurar o jogo das articulações, sobretudo do tornozello. Este deve ter a maxima elasticidade. E por isso preferivel calçar até aos quatorze annos ás raparigas sapatos em logar de botinas, que encarceram e enrijecem o pé. Mas para obter a elasticidade do tornozello não hesitae em fazer sentar todos os dias a creança durante cinco minutos, recommendando-lhe a mais completa immobilidade, e passae a fazer-lhe a seguinte operação: Sustendo o pé descalço com a mão esquerda, seguro pelo tornozello, e com a mão direita deslocae-lhe suavemente a planta do pé, no sentido do calcanhar, como indica a gravura. Depois, mantendo o calcanhar preso na mão esquerda, deixando o tornozello livre, pegae na extremidade do pé com a mão direita, imprimindo ao jogo articular do tornozello um suave movimento de rotação para o interior e exterior.

Todos estes exercicios são faceis e simples de executar. Não exigem mais do que boa vontade por parte dos paes e um pouco de paciencia á creança. Vinte minutos por dia bastam para os effectuar e constituem o melhor dos processos para fazer de uma rapa-

Deitae a creança no chão, com os braç s estendidos ao lado do corpo, mãos abertas n soalho...

parte da energia physica. Uma mulher debil, soffredora e doente mal pode occupar-se dos trabalhos do seu lar, das suas obrigações familiares e mundanas e da educação de seus filhos. Quanto mais avançamos, mais o pap l social da mulher adquire importancia. Expontaneamente ou coagido pelas circumstancias, cada vez mais o homem se acostuma a considerar a esposa como uma collaboradora, como a verdadeira metade d'elle proprio, e não como uma metade inferior á outra, mas como uma egual, que com elle partilha dos cuidados que dá a administração da existencia. Preparemos, pois, as nossas filhas para entrar na vida fortes e confiantes. Armando com todas as virtudes a sua intelligencia e o seu coração, demos-lhes essa força e agilidade que são o mais real elemento da belleza feminil.

Dizei-lhe então para levantar os braços e descel-os em seguida até tocar com os dedos no tapete...

riga, não uma *sportswoman*, cousa completamente dispensavel na vida, mas uma mulher solida e elegante, airosa e esbelta.

Para caminhar recta na vida, para cumprir lealmente e intrepidamente os seus deveres, a mulher deve sentir, o menos possivel, a sua fraqueza. É indispensavel que tenha confiança na sua força. A energia moral depende em grande

Sust nde o pé descalço com a mão esquerda, seguro pelo tornozello...

THEREZA DUARTE.

Depois, mantendo o calcanhar preso na mão esquerda...

D. FRANCISCO DE SOUSA COUTINHO

O CHICO REDONDO

A vida do Chico Redondo é um singular capitulo de bohemia e lembra um tufão arrastando uma avalanche de neve immaculada.

Isto disse um poeta reservado, magrito e plebeu, pelas horas mortas de certa noite de pandega, diante d'aquella usança palreira do barytono, gordanchudo e de costella realenga.

Mas logo um outro, a contrarial-o e n'uma philosophia só d'elle, exclamou:

—Não. A vida do Chico Redondo é antes uma pagina positiva; lembra um pedregulho rolando de escarpa em escarpa até aos abysmos, na ancia de achar no seu fundo um logar fôfo para repousar. E' uma attracção! O Chico, sentindo-se pesado em demasia para as alturas onde nasceu, vae rola, desce, despenha-se, mas fica sempre n'uma culminancia e assim chega até onde não esperava: á arte e a este tasco!

Ainda uns lhe recordavam o avô, conde de Vimioso, pandego e toureiro, homem d'arruaça e sentimental amante; outros o avô conde de Redondo, artista e sabio, como a filiarem n'um atavismo aquella tendencia para a bohemia e para o sentimento, para a arte e para a aventura. Houve quem fallasse dos antigos conquistadores, dos Sousa Coutinho batalhantes da India, de Fr. Luiz de Sousa que lhe anda na ascendencia, da sua linhagem de reis e d'uma avó, D. Filippa, irmã d'um conde de Vimioso e que fôra amada pelo prior do Crato.

Alguem se deu á phantasia de julgar que D. Antonio, o grão-prior, vencera em Alcantara, que casara e formara uma dynastia da qual o Chico seria hoje o representante...

—E o cantor!—resmungou elle atafulhando-se de vitella.

Porém, uma pessoa, mais laconica e mais conceituosa, atalhou n'uma definição:

—É antes um raio! Cahiu do ceu e encravou-se na terra!

Só então o Chico Redondo sorriu e pousou o garfo; levantou a sua face triplice, papuda, refegada, fixou os seus olhos verdoengos ponteados de negro, repuxou a barriga, ageitou-se na cadeira d'onde extravasava e disse:

—Sim! Antes o raio encravado na terra! E bem encravado!

Disse e bebeu um gole largo e longo de cerveja allemã para bem untar a sua garganta espessa, circular, de manilha, e que parece ter lá dentro um ninho de rouxinoes bem maviosos e bem... gordos. E então, como ouvisse choramingar uma creança que vendia cautelas e que um creado empurrava porta fóra, soergueu-se a custo na cadeira cançada e já gemente do seu peso e exclamou:

—Ó maroto, tu queres que eu lá vá!...

D. Francisco de Sousa Coutinho (Chico Redondo), retrato tirado no primeiro domingo em que saiu só á rua

A mão tremula do creado largou o bracito rachitico do petiz e elle, sentando-se, olhando os destroços que fizera na comida, os pratos onde agglomerara os ossos chupados, caroços d'azeitonas e uma pyra de cascas de maçã, pareceu meditar.

Era bem o raio furioso descendo das alturas cavalheirescas da sua raça e encravar-se na terra, a terra da conta, n'aquella baiuca e por horas tardas.

*

Foi então que o Chico Redondo se reportou aos tempos da infancia. Tornou-se sério, grave, melancholisou o rosto gorducho e encarnado, pareceu resahir do fundo como uma carranca de velho fidalgo n'uma tela antiga, os olhos soterrados na molleza do rosto, a barbicha negra como collada na cara á maneira de caracterisação e fincando os cotovellos almofadados de gordura na mesa, começou a contar a sua vida. O que elle disse por essa hora morta em que apenas se escutava o rodar batido de trens de quando em quando, o tilintar de chaves de guardas nocturnos e as vassouras dos varredores raspando nas valletas! O que elle disse!

De toda essa narrativa d'um grande fidalgo e d'um grande cantor d'operas, apurei o seguinte:

Ainda menino, já gordo e já pandego, D. Francisco de Sousa Coutinho levava a vida buliçosa dos rapazes fidalgos; negava-se ás boas lettras que o padre Moniz, capellão de seu tio o senhor duque de Loulé, lhe ensinava desalentado e pachorrento escaldando-lhe as mãos nutridas com palmatoadas fortes dadas com uma enorme colher de manteiga espalmada e riscadinha. Amava mais a praça de touros cheia de sol, a lide, o berreiro e as noitadas com os seus fados batidos e os seus amores faceis. Mas ao mesmo tempo era um sentimental excessivo, como agora; vinham-lhe rapidas as lagrimas aos olhos e as indignações diante das miserias acudiam-lhe promptas.

Em Cascaes, ahi por 1885, D. Francisco, nas tardes melancholicas, ouvia um vagabundo francez que trazia o resto d'uma farda envergada, e duas creanças, tanger uma viola e cantar uns trechos que o faziam chorar. Deu-se então a imitar o francez; a sua voz subia macia, terna, doce e fazia o encanto dos rapazes; depois recordações de noites de S. Carlos levaram-no a trautear o *Fausto*; por fim a cantal-o e de tal maneira que o tenor Guilhe, uma celebridade, dizia a seu pae, o sr. marquez de Borba:

—Está aqui um artista!...—e desatou a dar-lhe lições.

Naturalmente Guilhe falou-lhe da vida aventureira, dos amores, da luz dos palcos e aquelle sangue fidalgo dos Sousa Coutinho, enrubescendo e escaldando n'uma ancia de aventuras, levou-o a querer ser artista, mas artista a valer, a correr a Europa ganhando a

vida como um principe encantado, sem reino e sem norte, a viver de si. Depois o temperamento bohemio mostrava-lhe a mesquinhez da vida em Lisboa.

Deixou que o contractassem e partiu. Foi um dia de luto e de lagrimas em casa dos marquezes de Borba.

—A quem sahia aquelle fidalgo de raça?!...

Eram o Vimioso turbulento e o Redondo artista, musico, compositor de cantochões que estavam n'elle.

Foi para Italia com Michalizzen, cantou em Pignerol, no Piemonte, o *Fausto*, a *Carmen*, *Rigoletto* e a *Traviata* com outro portuguez, um Carlos Lopes que era primeiro baixo e ganhava rios de dinheiro.

D. Francisco de Sousa Coutinho, quando se lembra do Guilhe, o seu primeiro mestre, e de Lopes, o seu companheiro, tem duas lagrimas n'aquelles olhos soterrados.

—Porque?!

Guilhe foi o ultimo tenor com quem cantou na America; o pobresito canta de cabeça baixa, envergonhado, quasi sem voz, aquella voz que fazia a platéa de S. Carlos levantar se n'outros tempos enthusiasmada; o Carlos Lopes foi elle encontral-o agora no theatro Avenida, sendo o artista d'outros tempos, mas feito corista, transtornado e alheio de si por desgostos d'amor.

Outro dia, no palco, como D. Francisco lhe dissesse ter creado para elle um papel no *Maestro Malappata*, Lopes sorriu e disse suffocado:

—Olha, Chico .. Agora vou dançar... —e foi-se com uma lagrima a deslisar a entrar em scena.

Nem tudo são rosas nem tudo são triumphos!... Tão pouco tenho escripto d'este Chico Redondo, bohemio, e já elle chorou duas vezes.

❀

Mas emfim... Se tem sentido tristezas tambem tem gargalhado em grandes alegrias. De Italia foi para Paris, o sonho de todos os artistas. Entrou no Conservatorio e juntou se com os portuguezes que estavam nos estudos. O pintor Carlos Reis e o esculptor Thomaz da Costa foram seus companheiros de casa. Viviam na pensão onde pagavam 1 franco e cincoenta e todos os dias se enchiam de boa vitella ao que julgavam.

A dona da casa era mulher d'um carcereiro da Roquette, uma matrona rigida que nunca os deixava transpôr os humbraes da cozinha. Mas um dia o Chico vae buscar um copo d'agua para uma visita e vê—o que elle veria Santo Deus!—uma pata de cavallo, ainda com ferradura, estendida sobre a mesa.. Agarrou-a na mão farta e á entrada da sala gritou:

—Rapazes... Olhem a vitella!...—e começou a arrancar-lhe a ferradura n'uma superstição de bom portuguez á antiga.

Mudaram então de hospedagem; começaram a ir jantar por 25 centimos n'uma tabernoria. e D. Francisco, um dia em que devorava com mais furia sentiu na bocca como um panno a enrolar-lhe a comida. Era um pedaço de esfregão. Indignado, gritou ao creado: Ó patife... Vê isto!...

E elle, sereno, digno, volveu:

—Então por 25 centimos queria encontrar algum lenço de seda?!

Passou depois a viver com Antonio Nobre e Oscar da Silva, o grande pianista, na rua das Escolas. Cada vez cantava melhor e era mais bohemio. Tinha excentricidades de artista, gostava de alardos nos trajos e assim como na Noruega mandou mais tarde fazer um casaco enorme todo de pelles e de tres cabeções, assim em Paris mandou fazer um chapeu que recordava metade d'um chapeu alto e que tinha as abas direitas. Não podia sahir com elle. A garotada rodeava-o, fazia-lhe assuada, arranjara um estribilho:

—*O papá Sousá combien a couté ça?!*

E o enorme D. Francisco cercado pela malta miuda corria Paris, que o via passar com aquelle bando atraz:

—*O papá Sousá combien a couté ça?!*

Em Berlim diante do seu casacão da Noruega tambem os garotos o cercavam e uma vez não o largaram emquanto não cantou a sua parte da *Carmen* ali em pleno Podstmstrass.

E a critica entrava já a fallar d'elle, a celebral-o, a dizer que lembrava um verdadeiro toureiro, depois de lhe elogiar a voz, e accrescentando que podia matar bois a... murro.

A murro não, mas á espada já os matara na praça de San Sebastian de Madrid, offerecendo a sorte a Victor Cordon e a Serpa Pinto que assistiam á corrida. No Porto, n'uma corrida em que entravam os amadores Barros Lima, D. Luiz do Rego e D. Simão Coutinho, irmão do Chico, elle, sendo apanhado de frente por um touro, ficou de pé como uma figura de pedra rija e forte; mas com o embate os dedos sahiram-lhe pelos sapatos! .

Era elle que cantava a *Carmen* na Opera de Berlim e lá do palco, na presença da côrte, do imperador e de toda a alta sociedade, atirava o seu chapeu de toureiro a madame Blanc, mãe do nosso amigo Oscar Blanc, que se encontrava n'um camarote e a quem elle saudava d'esta maneira.

Mas o que esse Chico fez em terras da Allemanha?!... A sua vida inteira elle mésmo a vae narrar n'um livro. Apenas umas notas leves d'ella se pódem apresentar n'este canto da *Illustração*.

O que elle fez na Allemanha!...

Diz se isto como de D. Lopo de Sousa Coutinho, seu grande avô: «O que elle fez na India!»

N'um restaurante, D. Francisco, diante do seu amigo Augusto Pedrosa e depois d'uma turra com alguns allemães, agarrou a cadeira que lhe ficava mais proxima e fez debandar toda a gente que o via impavido, gordo, como um forte hercules brandindo a cadeira como uma clava.

Outra vez na rua sovou um sujeito a proposito de qualquer dito; os policias lançaram-se sobre elle: afastou os e dirigiu-se á esquadra:

—Sou D. Francisco de Sousa Coutinho, barytono da Opera Imperial!...

Estreava-se no dia seguinte. O sovado arregalou os olhos, estendeu-lhe os braços moidos d'aquelles ferreos murros e bradou:

—Eu sou o primeiro *claqueur* da opera!... Muita honra em conhecer o grande barytono!...

Rindo a bom rir, D. Francisco convidou então o policia, que acceitou alegremente, para assistir á sua estreia!

❀

Mas que amarguras as suas antes de conseguir entrar na Opera Imperial. O que elle soffreu! Foi experimentar a voz. Todos o olharam surprehendidos; ao verem-no assim anafado, suffocaram risos: elle olhava-os á portugueza e só a ancia de ser ouvido, de seguir a arte o deteve. Começou a cantar e logo lhe disseram arrebatados:

—Que linda voz! Que belleza!... É surprehendente...

D. Francisco de Sousa Coutinho com o capellão do sr. duque de Loulé — D. Francisco de Sousa Coutinho aos quatro annos
A sr.ª marqueza de Borba com seus filhos. A' esquerda o sr. conde de Redondo e Vimioso, ao centro D. Francisco de Sousa Coutinho,
á direita D. Maria Domingas de Portugal Sousa Coutinho Rebello da Silva, e sentada a sr.ª D. Maria Luiza de
Portugal de Sousa Coutinho Ferreira Pinto Basto — D. Francisco de Sousa Coutinho com a sua bengala de pesca em Heringsdorf

—Vamos ao contracto!—bradou com o seu facil enthusiasmo.

Era excellente a voz mas... elle era muito feio e muito gordo... Queriam homens bonitos...

Sahiu desesperado. Amaldiçoou o seu physico, desejou morrer ao vêr a sua carreira artistica transtornada. Mas para que lhe servia essa voz?! Para cantar entre os bastidores?!...

Assim meditava e tambem na morte, em Potsdam, tempo depois, olhando a agua que corria a seus pés. Aquelle artista tinha que renunciar aos sonhos! Oh! Se fosse rei como renunciaria á corôa! Já o provara não querendo o titulo de marquez de Valença que lhe pertence! Mas renunciar á arte! Antes aquella agua o levasse se pudesse com elle e... não estivesse tão fria! Sentiu que lhe batiam no hombro. Voltou-se. Era Rey Colaço que inquiria da sua tristeza.

—Homem, vista um *smoking* e venha d'ahi...

—Aonde?!

—Vá vestir-se, ande...

Conduziu-o a casa de madame Begas, a mulher do celebre esculptor que lhe fez o seu busto no *Falstaff* d'ahi a tempos. O Chico Redondo cantou,

D. Francisco de Sousa Coutinho (retrato tirado em New-York) — D. Francisco de Sousa Coutinho (retrato tirado em Bergen, Noruega) — D. Francisco de Sousa Coutinho em Copenhague, passeando no Tivoli com a sua capa á hespanhola — D. Francisco de Sousa Coutinho n'uma scena de café concerto em Berlim

enthusiasmou a assistencia, fizeram-se pedidos, perdoou-se-lhe o physico e logo D. Francisco de Sousa Coutinho, filho dos marquezes de Borba, irmão do conde de Redondo e Vimioso, elle mesmo com direito ao titulo de marquez de Valença, sobrinho do duque de Loulé e do conde d'Azambuja, primo dos Linhares e de toda a nobreza antiga de Portugal estreiava-se nos *Palhaços* na Opera Imperial de Berlim.

Seu primo, o sr. visconde de Pindella, ministro plenipotenciario, assistia com esse saudoso e querido João Arnoso, morto ha pouco, e lá no palco o grande fidalgo era obrigado a bisar o lindo prologo dos *Palhaços*, sua corôa e sua paixão!

❧

Disseram então ao conde intendente da opera que elle era um verdadeiro fidalgo. O grande funccionario, nascido da maior nobreza allemã, bradou:

—Quando o vi a primeira vez julguei que era o carniceiro que vinha buscar a conta ao porteiro da Opera, mas quando o ouvi cantar, sobretudo na *Traviata*, senti que tinha o porte d'um nobre de raça!

Assim o Chico Redondo ganhou na Opera Imperial 40 libras por noite e logo em Wittengarden, café concerto, 1000 marcos por noite, como na America 500 dollars!...

E todo esse dinheiro elle o lança a jorros no regaço d'uma mulher ou diante d'um desgraçado.

Sarah Bernhardt e Coquelin em Washington deixaram de dar espectaculo para o ouvirem, mas logo em S. Luiz um padre o convidou para cantar n'uma missa e lhe pagou com 2 dollars.

O Chico agradeceu sorrindo. Nunca recebera tão pouco. Levou o padre á exposição, gastou um dinheirão louco com elle e o outro, no fim, balbuciou ao percebel-o:

—Perdôe... Mas é que no convento costumamos pagar aos cantores apenas um dollar!

Ao fim de oito annos de ausencia voltou a Portugal, cantou em S. Carlos n'uma recita de caridade e el-rei D. Luiz deu-lhe o habito de Christo por ouvir o seu parente cantar, como os reis outr'ora o davam aos antepassados do Sousa Coutinho pelas suas proezas. Foi essa noite a do maior vergonha para o D. Francisco. O rei estendeu-lhe a mão, elle beijou a. Sentiu a sua arte lá dentro e recordou-se dos tempos em que brincara nos paços reaes... Ali ao seu lado o baixo Merolles, republicano fero, dizia ao rei que o saudava:

—*Tengo honor em conocer usted...*

E D. Francisco de Sousa Coutinho envergonhou-se, teve vontade de se sumir pelo chão, elle que ainda ha dias não teve pejo de atravessar a villa de Bellas n'um carro de bois a que se atrellaram duas juntas e ir assim a caminho do Bomjardim, que pertence á sua fidalga casa ha 400 annos e onde o Chico ao chegar deixa o seu ar de artista bohemio para ser o fidalgo a receber entre a creadagem que o beija e lhe chama... o menino...

O menino, elle que usa uma bengala de tres kilos e que ainda em terras da Allemanha, ao pedir que lhe tomassem o peso, faz com que o olhassem pasmados... O menino! E elle sorri... E chora... para logo rir, aquelle gordo barytono, sentimental, que mesmo ao ser fidalgo no seu solar é o eterno romantico da opera... ou da historia bem novellesca dos seus.

E diz com as suas lagrimas e com os seus risos que ser marquez de Valença não custa nada e ser o barytono de Sousa, celebre na Europa... custou-lhe muito!... Perdeu pelo menos metade da sua antiga gordura. Mas sempre será... o mais redondo da familia!

Rocha Martins.

O LUXO PROHIBIDO

LEY,
&
PREGMATICA,
PORQUE V. MAGESTADE HA POR BEM DECLA-
[illegible]

LISBOA,
[illegible] S. MAGESTADE, que Deos g[illegible]
Por MIGUEL DESLANDES. Anno de M. DC. XCVIII.

A lei prohibitiva, seja ella dictada pelo creador e refira-se á arvore do mal, ou seja promulgada por um rei e diga respeito ao luxo, teve sempre, desde o principio do mundo, um resultado contraproducente. Se Deus não vedasse ao primeiro homem os pomos appetitosos do Paraiso Terreal, não seria a vida talvez um valle de lagrimas, a serpente maligna não tentaria Eva, não se comeria o fructo e não soffreria a humanidade o erro da sua desobediencia.

Da prohibição resulta sempre, immediata e consequentemente, um appetite invencivel de infringil-a. Um cigarro sabe mil vezes melhor quando nos prohibem fumar, e é assim que o vicio se entranha alimentando em creança a nossa ambição de ser homem, sonhado atravez do fumo do tabaco. O consentimento tacito do fumo seria a primeira enxadada na sepultura d'esse vicio e o unico meio de acabar de vez com a malfadada questão dos tabacos. Prohibir um acto não é mais do que instigar o seu commettimento, e só assim se explica que n'um paiz onde foram promulgadas cerca de 50 leis, alvarás, provisões, decretos e cártas regias, desde o fim do seculo XV até o seculo XVIII, prohibindo o luxo, o luxo sempre campeasse faustoso e arruinador, rutilante nas grandes festas, imponente nos grandes lutos.

Trajos da nobreza no seculo XIV

O cumprimento que alli vemos dar ás leis prohibitivas do jogo permitte-nos fazer uma idéa exacta de quanto durava o acatamento ás pragmaticas dos nossos monarchas. Quando Deus queria, os reis eram os primeiros a infringil-as. Hajam vista D. Pedro II e D. João V, que, durante os seus reinados, se cercaram de uma tal magnificencia que nem todo o oiro do Brazil chegou para a sustentar.

*

Não consta que nos seculos XII, XIII e XIV houvesse qualquer disposição penal n'esse sentido. Entretanto, bom é de dizer, foram innumeras e sumptuosas as rebolarias e louçainhas que usaram os coevos dos nossos primeiros reis.

Não havia tempo para olhar a taes ninharias. Os sarracenos e os hespanhoes traziam occupados em demasia os soberanos portuguezes. As damas podiam á vontade ataviar-se nas pompas do trajar e, sem perigo da multa pesada de alguns maravedis, escondiam sob a mantilha de *Beni* o alto rolete do penteado e vestiam a *canduta* — cotta de seda, comprida — que foi a grande moda em tempo de el-rei D. Diniz, trazida para Portugal pela rainha D. Brites, a *Rabuda* de alcunha. Abundavam então os *sainhos de arrais*, os *çorames*, os *mongis* e os *epitogios* de seda e brocado. As mãos pequeninas das portuguezas da côrte de D. Fernando I coalhavam-se de sortêlhas ou anneis, cravejados de perolas e eyxarvias. Tapavam-se as gargantas de neve com gorgeiras de aljofares, e todas ellas «*muy coroaveis de cheiros*», rigidas nas suas vestes pesadas e ricas, pisavam com os *chapins* de sola alta ou com os *chispos* polidos e vistosos os corredores do paço de Apar S. Martinho ou da Alcaçova moirisca.

Não lhes ficavam porém atraz nas galas do vestuario os mancebos quatrocentistas. Os pelotes faustosos, as *capas de Engrés* e os tabardos de *barragan* ou de *camelão* cingiam-lhes o busto espadaudo e forte, nas horas vagas em que a armadura repousava. As *bombachas* largas e compridas atadas sobre o joelho, todas de seda com tufos ou garambazes, constituiam a maior elegancia do

Um senhor portuguez no principio do seculo XIV

O fausto feminil no seculo XIV

tempo, prodigo já em galantarias (1).

Assim foi o luxo caminhando, augmentando sempre, enchendo-se de novos preceitos e acceitando as modas que as rainhas estrangeiras importavam com as damas elegantes e reboleiras da sua comitiva, até que, em 1487, el-rei D. João II promulgou a primeira pragmatica «*pelos muytos e demasiados gastos que na côrte e no reyno se faziam*», como diz Garcia de Rezende. Por essa lei foram prohibidos todos os vestidos caros e guarnições dispendiosas, rendas, chaparias, brocados, bordados e canutilhos. Os homens d'ahi por diante só poderiam trazer gibões, carapuços e pantufos de seda e as mulheres usariam sómente, d'aquelle tecido, nos sainhos, sem guarnição ou bordadura alguma. «*E para tal ley se melhor cumprir*», accrescenta o chronista, el-rei, a rainha, o principe e o duque nunca mais vestiram sedas (2).

Já em 1481, tinham os povos, por intermedio de seus procuradores, representado ás côrtes de Evora a necessidade de reprimir o luxo, punindo com graves penas o uso do oiro, da prata e das sedas, e de distinguir pelo vestuario as classes confundidas n'um excesso de galas custosas. Propunham elles que os nobres se vestissem de lãs finas, os mecanicos de *bristol* e de *burel* e que as loireiras, a que hoje afrancesadamente chamamos *cocóttes*, andassem em corpo, sem mantilha nem chapins, e com os véos açafroados para se distinguirem das donas e donzellas honradas (3).

A sumptuaria masculina no tempo d'el-rei D. Fernando

No ultimo quartel do seculo XV tomára o luxo effectivamente proporções assustadoras. Homens e mulheres, á compita, estremavam-se em pompear louçainhas nunca vistas. Chegaram-se a vender luvas de coiro a vinte cruzados o par. As joias, os desfiados, os brocados e os metaes preciosos cobriam e esmaltavam todos os vestidos.

As damas gastavam loucamente, mas os homens avantajavam-se-lhes ainda. Não contentes em effeminar-se no trajo, os mancebos lisboetas entraram de usar adornos mulherengos como donzellas da rainha. Adubavam as luvas com almiscar, tingiam as cabelleiras de loiro e tregeitavam-se indecorosamente. Esses excessos dos alfacinhas foram celebrados por Garcia de Rezende, o galante e gracioso auctor da *Miscellanea*:

> Agora vemos capinhas,
> muitos curtos pellotinhos,
> golpinhos, e çapatinhos,
> fundas pequenas, mulinhas,
> giboezinhos, barretinhos,
> estreitas cabeçadinhas,
> pequenas nominazinhas,
> estreitinhas guarnições,
> e muito más invenções,
> porque tudo são coisinhas. (4)

[1] Elucidario de Viterbo.
[2] Chronica de el rei D. João II, p Garcia de Rezende.
[3] Elucidario de Viterbo — Vidé *Bristol*.
[4] Miscellanea de Garcia de Rezende.

O trajo masculino no reinado de D. João I

Dá perfeitamente a medida exacta da loucura luxuosa d'esse tempo uma anecdota que nos refere o mesmo falacioso auctor. Um Fernão Serrão, fidalgo da casa de el-rei e rico morador de Lisboa, tanto empenho tinha em apparecer galante a D. João II, que, quando este monarcha fez a sua primeira entrada na capital, vendeu duas quintas que possuia e com ellas comprou um gibão esmaltado de oiro e perolas com que mui contente se ataviou no dia da festa. Viu-o el-rei e passou. Mas como lhe pesasse tal excesso, uma vez que elle assistia á sua mesa disse-lhe gracejando, diante de todos: «*Fernão Serrão, quantas quintas fazem um gibão?*»

O fidalgo devia ter ficado embuchado, — permitta-se-me o termo. O gracejar do Principe Perfeito devia ferir como um gume de Toledo!

◉

Pouco tempo depois interrompeu-se a pragmatica que, diga-se de passagem, foi uma das poucas cumpridas e respeitadas. D. João II não admittia leis senão para se cumprirem. A sua divisa apregoou-o bem alto.

Motivaram essa interrupção as festas do casamento do principe D. Affonso. El-rei, que queria dar todo o luzimento a esses festejos, suspendeu-a. Era logico e coherente. Quantos Fernões Serrão não exultariam de prazer!

Nunca em Portugal se viu tanta riqueza e tanto fausto reunidos. Nem o magnanimo D. João V conseguiu organisar, com todo o oiro do Brazil e todas as facilidades de Roma, uma festa de tal quilate.

Vieram do estrangeiro toda a sorte de telas e brocados, tapeçarias, joias e velludos; franquearam-se de direitos; mandou-se comprar á India todos os pannos de ló que se encontrassem á venda nos emporios commerciaes do oriente e a importação de tecidos foi tão grande que, basta dizer-se, se esgotaram os opulentos mercados de Genova e de Florença, onde as fabricas ficaram ainda tecendo, sem descanço, por conta de el-rei de Portugal.

Costumes do fim do seculo XIV

A Allemanha, a Inglaterra, Flandres e outros paizes abarrotaram-nos de tecidos e artigos de toda a especie. De Castella vieram ourives, esmaltantes, lavrantes e doiradores. Todas estas riquezas guardadas no thesouro regio foram depois vendidas, distribuidas e concedidas pela mão liberal de el-rei aos grandes da côrte, aos simples fidalgos, ás damas, aos escudeiros e aos pagens.

Um diluvio de seda e oiro, de velludos e joias alagou a côrte portugueza!

Evora, a cidade escolhida para os festejos, engalanou-se ricamente, atapetou de verdura as suas ruas, cobriu de damascos as suas casas. Vieram de todo o seu termo as mais formosas moças, para exhibir em estrados os seus cantos e os seus bailes; atulhou-se de musicos tamborileiros, trombeteiros e charameleiros. Evora-rica resplandecia de luxo e de prazer.

A narração de taes pompas fel-a

As modas no principio do seculo XV

Garcia de Rezende. Quem quizer vêr como o Principe Perfeito se sahia das festas de que se encarregava, leia nas paginas invocadoras da sua chronica a descripção preciosa dos banquetes, dos mômos, das justas, dos torneios, dos saraus, das cavalgadas e dos cortejos, onde a pompa e a arte, de mãos dadas, bailavam ante os olhos contentes de el-rei, que, vestido á franceza, de opa roçagante, constellada de pedrarias, pelote forrado de marthas, chapéu e pluma branca, ia a caminho de Estremoz receber a princeza, futura rainha de todas as Hespanhas.

A morte desastrosa do principe D. Affonso, quasi em seguida ás festas, veiu mudar a alegria de todo o reino na mais sentida magua, no mais sincero pesar que nos referem as chronicas. O paiz inteiro que ha pouco ainda, loução e feliz, foliava festejando-lhe o casamento, pranteava agora n'um alto choro convulsivo a morte d'aquelle principe, em que fundara a melhor das suas esperanças. O sentimento foi geral. El-rei e a viuva tosquiaram os cabellos, vestiram baixos pannos de dó, cobriram a cabeça de negro vaso e o reino todo, fidalgos e plebeus, ricos e nobres, vestiu-se de burel e almafega.

Estes tecidos, usados nas occasiões de luto, esgotaram-se completamente. Muitos portuguezes, á falta d'elles, envolveram-se nas cobertas de burel dos seus leitos e os mais pobres, os mais miseraveis, aquelles que não tinham um real para comprar pannos de dó, vestiram os andrajos do avesso, embrulharam-se em saccos e em coberturas de bestas. Esta demonstração de pezar, que hoje nos parece comica e risivel, representa talvez a mais pungente e sincera de todas ellas, porque, baixando até á humilhação, chegou a rastejar no ridiculo.

Um grande fidalgo do principio do seculo XVI

D. João II, durante o resto do seu reinado, não decretou mais pragmaticas. Por sua morte o caso mudou de figura e mal subiu ao throno o duque de Beja o luxo voltou novamente.

A moda por occasião da restauração de Portugal em 1640

No anno de 1499, sairam duas prohibições: a lei de 17 de outubro e o alvará de 16 de dezembro. A primeira defendia o uso do burel como demonstração de luto, e o segundo determinava que se não encastoassem pedras falsas em joia alguma, de onde se deduz que os antepassados do americano *Bera* já começavam a fazer das suas.

Finalmente appareceu a pragmatica de 18 de agosto de 1520, declarando a de 22 de março de 1487 sobre a prohibição das sedas, e depois o alvará de 12 de junho de 1521, determinando que aquella prohibição não attingia os mercadores estrangeiros que viessem a Lisboa tratar dos seus negocios.

Apezar, porém, das pragmaticas, o luxo continuou augmentando e voltou aos antigos desperdicios. Lisboa, emporio commercial da Europa, rival de Veneza e de Genova, assistiu durante o reinado do monarcha Venturoso a festas de grande esplendor, como foi a partida do primeiro viso-rei para essa mysteriosa e longinqua India, que nos abarrotava de especiarias, de pedras preciosas, de damascos e de gloria. Gaspar Correia, nas suas *Lendas da India*, conta-nos deslumbrado o imponente e riquissimo cortejo que, desde a Sé onde o bispo de Ceuta benzera a bandeira real de damasco branco franjado de oiro, até o caes do embarque, maravilhou a multidão estendida em álas pelas ruas do trajecto. Os velludos, as sedas, o oiro e os esmaltes abundavam na luzida cavalgada. D. Lourenço de Almeida, precedido de 40 alabardeiros montados á estardista, de jaqueta de velludo preto com mangas de setim roxo, abria o cortejo.

O filho do viso-rei vestia á franceza, pelote de mangas de brocado de pello, forrado de setim vermelho, calças de brocado rôxo cortadas até o joelho, cinto de oiro de esmalte, colar de pedras e chapeu de guedelha de seda carmezim. Seguiam-se 24 moços de esporas com gibões de setim branco e encarnado, calças brancas, sapatos de velludo azul e gorro do mesmo tecido com pennas brancas.

Em seguida o vice-rei, de tabardo grisado, pelote de setim preto e barrete de duas voltas. Fechava o cortejo a turba dos fidalgos e dos capitães da armada, todos montados á estardista e vestidos ricamente, e mais 40 alabardeiros. (1)

Mas não eram só os alfacinhas que gosavam o esplendido espectaculo das nossas pompas. Os estrangeiros lograram tambem admirar a riqueza e a opulencia da côrte portugueza. A embaixada que el-rei D. Manuel em 1513 enviou a Roma foi fabulosa de fausto e de pittoresco. O elephante e a panthera que figuraram no cortejo dos nossos embaixadores fizeram a delicia dos romanos emquanto duraram as festas. A toda a parte chegava a noticia da grandeza e do luxo portuguez.

A moda no reinado de D. Sebastião

A rua Nova dos Ferros—o Chiado quinhentista—atulhava-se de forasteiros, arabes, genovezes, francezes, venesianos e hespanhoes, que aqui vinham attrahidos pela fama da nossa cidade. Os indigenas não a frequentavam menos. Ali se via o rico mercador da Mina farejando os cambios, as damas embiocadas e os alfenados cortezãos, mercando cassequins e pannos de Ruão, tecidos indianos e florentinos, que enchiam de alto a baixo as lojas do *cabanas* do *Judeu* e do *Issay*, os mais famosos gibeteiros d'aquelle tempo. A arraia-miuda, embarcadiços, vendilhões, negros da Mina e arabes carreteiros davam-lhe a ultima nota pittoresca. (2).

O luxo campeava invencivel e desperdiçador. Na alta roda, como diriamos hoje, o arbitro da elegancia feminina era D. Izabel Cardosa, que estava ao facto de todas as modas estrangeiras e vivia em dia com as mais insignificantes minucias do vestuario feminino. Ninguem como ella sabia prender o veo de côr no topo dos toucados. Os ves-

(1) Lendas da India de Gaspar Correia.
(2) A Mocidade de Gil Vicente, por J. de Castilho.

Um fidalgo portuguez no reinado de Filippe III

tidos de cintura curta, barrados de arminhos e decotados em quadrado, com cinto de pedrarias e gorgeiras de perolas, constituiam a elegancia mais estremada das damas manuelinas, resplandecentes de colares, anneis e braceletes de pedrarias. (1)

Que importavam as leis prohibitivas? Se El-Rei se entrajava luxuosamente, que respeito podiam ellas merecer?

◉

Chegados ao reinado de D. João III, vemos pouco mais ou menos a mesma coisa. Muita prohibição e pouco cumprimento. Logo em 1522 saiu o alvará de 8 de julho, prohibindo que se andasse embuçado na côrte; em 1524, uma provisão defendendo as sedas; dez annos depois, nova pragmatica no mesmo sentido; no anno seguinte, outra; em 1537, um alvará identico ao de 1524; nova lei determinando o comprimento dos vestidos em 1538; em 1539, publica-se a pragmatica sobre os criados, bestas e trajos dos estudantes de Coimbra e finalmente em 1550 terceira pragmatica vê a luz do dia marcando o numero de criados e tochas que cada um podia trazer comsigo.

Pois apesar d'estas oito leis, todas formaes, minuciosas na especificação dos objectos defesos e terrivel nas penalidades a applicar aos infractores,usaram-se sempre da mesma fórma vestidos compridos, até abaixo do joelho, sem receio da multa e da cadeia: as vestias traziam-se brosladas, pespontadas e lavradas, cheias de ornatos de oiro fiado, cannutilhos, retrozes e torçaes. Os chapeus ostentavam preciosos caireis e os calções golpeavam-se escandalosamente.

De nada servia a regia pragmatica. Cada um fazia-se acompanhar de quantos lacaios, escravos de mandil e moços de tocha tinha na vontade e as proprias mundanas, como a endemoninhada franceza Michéle,estadeavam liteiras e atavios que era um louvar a Deus.

As festas de recepção da filha de Carlos V, que vinha a Portugal para casar com o principe D. João, e os festejos que a cidade fez em manifestação de regosijo, não só enthusiasmaram os indigenas como deram que fallar em Hespanha. O cortejo fluvial, principalmente, excedeu tudo quanto até ahi se tinha feito.

Levar-nos-hia longe a descripção d'essas festas sumptuosas de que deixou larga memoria o chronista D. Manuel de Menezes. Os portuguezes recebiam, como nenhum outro povo, as suas rainhas e princezas, e essas recepções, sempre enthusiasticas e surprehendentes, constituem o mais brilhante documento da nossa hospitaleira gentileza.

A princeza D. Joanna devia sentir-se fascinada do apparato da cidade e do maravilhoso aspecto do rio, coalhado de bateis empavezados e doirados, simulando uns, monstros marinhos e terrestres; outros, montes, serras, gigantes e fortalezas.

Ao desembarcar do rico bergantim real, forrado e toldado de brocado, cheio de bandeiras de seda, o que ella decerto não suppoz, rodeada do luxo dos cortezãos e entre os vitores da multidão apinhada nas margens do rio, era que dois annos depois, já viuva e mãe, martyrisada pelos nervos, apavorada por medos e visões, havia de deixar este bello paiz, em umas andas pretas, coberta de dó e de lagrimas, pelo mesmo caminho por onde fizera a sua entrada triumphal. (1)

(1) Idem.

◉

Durante o reinado de D. Sebastião, o filho d'esse casamento apaixonadamente infeliz, augmentou ainda o numero das leis prohibitivas do luxo, o que equivale a dizer que este attingiu o maximo esplendor. Logo em 25 de junho de 1560 saiu uma pragmatica defendendo o uso de barras, alamares, trochados, laçaria, guarnições e trosselados nos vestidos dos homens e das mulheres; entrando em minucias com referencia á seda que se podia usar nas copas dos sombreiros; determinando quaes os enfeites permittidos nos arreios dos cavalllos e especificando a largura dos debruns, a sua qualidade e outras ninharias. Abre excepções a favor dos fidalgos que tiverem cavallo e das donzellas da rainha, e estabelece penalidades de arripiar as carnes e as algibeiras.

A seguir a esta, publicou-se a chamada lei das calças, no anno de 1565, em que se prohibem as calças de roca ou *imperiaes* tufadas com enchimentos de algodão ou com garambazes, golpeadas ou forradas de seda; permittindo-se apenas o seu uso sendo de panno vulgar e só com um debrum, sem lavores, espiguilhas, serrilhas, cordões e franjas. Sómente as poderiam trazer golpeadas os fidalgos de cavallo, a quem tambem não seriam defezas as meias calças de retroz de agulha.

Aos infractores da pragmatica cabia a pena de 2 annos de degredo e cincoenta ou dez cruzados de multa, conforme fossem fidalgos ou plebeus; e aos *calcyteiros* não menos severo castigo se fabricassem, contra a lei, as vistosas *imperiaes*.

Em 1566 (22 de novembro) apparece um alvará marcando a fórma dos lutos e o numero de creados e em 1568 (11 de fevereiro) uma provisão mandando prender no *Tronco* os que de noite fossem encontrados na cidade embrulhados nas largas capas. Por fim, em 28 de abril de 1570 sae uma lei sobre os gastos demasiados, derogada em parte pelo alvará de 17 de outubro de 1578, e em 6 de março d'este anno publica-se nova pragmatica que, em vesperas da jornada de Africa, logrou o cumprimento que todos sabemos.

Nas fileiras do exercito de D. Sebastião, onde a promiscuidade dos soldados de differentes nações punha uma nota de discordia, havia mais luxo do que disciplina, mais vaidade do que enthusiasmo, mais cortezãos do que soldados. Grandes casas arruinaram-se em gastos sumptuosos para a expedição. Todos pensavam mais na pompa dos vestidos do que na tempera das espadas. Os gibões bordados de oiro e constellados de pedrarias, as armaduras reluzentes, onde os brazões se ostentavam variegados, os jaezes dos cavallos esmaltados de ouro e azul, os sapatos de velludo e setim, as bandeiras flammantes, as joias e os esmaltes faiscavam ao sol. O exercito levava tendas de campanha todas de seda, com grimpas douradas. Era um deslumbramento! Jámais se vira tão sumptuoso funeral!

◉

Em 1580 vieram a Portugal dois embaixadores venezianos que tiveram a excellente idéa de deixar á posteridade as impressões d'essa viagem. Muitos apontamentos interessantes escreveram sobre a capital e entre elles mereceram-lhes par-

(1) Chronica de el-rei D. Sebastião, por D. Manoel de Menezes.

A moda no reinado de D. João IV

A nobreza da côrte de D. Affonso VI

ticular menção os trajos dos lisboetas que acharam muito mesquinhos, porque o cardeal rei fizera com que se cumprissem as pragmaticas dos seus antecessores. Usavam os alfacinhas, então, saio de baeta preta, calções de panno escossez, borzeguins de marroquim, chapéus de feltro e capa comprida da mesma baeta.

Com a vinda dos Filippes, principiaram a entrajar-se com mais esmero vestindo gibões de *raso*, bragas e calções de veludo, meias de seda e escarpins.

O vestuario das mulheres era o commum de toda a Hespanha, isto é, uma capa grande de embuçar, com que sahiam disfarçadas que nem os proprios maridos as conheciam, cousa de gravissimos inconvenientes, na opinião dos venezianos (1). O luxo consistia principalmente nos creados e lacaios de que cada um se fazia acompanhar.

Durante os sessenta annos da dominação hespanhola as modas do visinho reino desbancaram as francezas e infiltraram-se nos nossos habitos, mas a pompa severa de Filippe II teve entre nós um rapido reflexo.

A pragmatica de 1609 mostra-nos que a intransigencia de D. Henrique não tinha senão anestesiado por algum tempo o microbio do luxo. Tornaram a apparecer os brocados, telas lavradas, esmaltes e joias, surgiram de novo sedas emprensadas ou cinzeladas e a custosa sumptuosidade dos coches. Essa pragmatica, que tem a data de 29 de outubro, prohibe todas as guarnições e enfeites, capas e capotes de seda, calças de golpes direitos, mantos de burato, luvas perfumadas e outros atavios. Regula os ornatos que se podiam trazer nos gibões e calças, a altura do nó das ligas e a largura dos debruns das saias. Entra pela casa de cada um; defende as armações de seda nos leitos, os pannos de mesa, as guarnições das almofadas do estrado e as cortinas de seda. Vira-se para as damas da côrte e galanteadora, como soia ser poucas vezes, permitte-lhes guarnições de prata nos vestidos e respeita os grandes toucados *igrejaes*. Determina quando e como se deve usar capuz de dó, marca o numero de pagens e moços de espora e manda manifestar, perante as competentes auctoridades, toda a prata que cada um tiver. Em seguida desenrola uma longa lista de penalidades, estabelece multas e castigos para a negligencia dos alcaides e meirinhos a quem concede partilha na multa.

O luxo na Renascença: os retratos dos condes de Bristol e de Bedford por Van Dyck

Cabe agora aqui, já que se falou em multas e alcaides, a narração de um caso que mostra bem a inconveniencia d'estes processos de fiscalisação no cumprimento da lei.

Uma vez, foi no anno de 1607 por signal, estava um d'estes esbirros á porta da corregedoria do Bairro Alto, quando Antonia da Costa, dona viuva e honrada, passou por elle com umas saias suspeitas por rangedeiras. Sobe a dona a escada, para fazer não sei que queixa ao corregedor; o alcaide sobe atraz d'ella, farejando apprehensão lucrativa e, sem mais tir-te nem guar-te, levanta-lhe as saias para se certificar das suspeitas. Vira-se Antonia da Costa no auge do espanto e, antes que o zeloso alcaide tivesse tempo para antegosar a descoberta, pespega lhe a mais formidavel bofetada que mãos femininas teem dado. Grande balburdia. Acodem o corregedor e seus familiares. Junta-se povo. A mulher é presa, julgada em processo summario pelo corregedor, e condemnada em nove mil réis de multa, quatro pela infracção da lei e cinco pela bofetada (1).

Mas Antonia da Costa pensou em vingar-se, e fez bem. Em 23 de agosto do mesmo anno baixou um accordam da Relação, firmado pelos desembargadores Lançarote Leitão e Gaspar Leitão Coelho, não só absolvendo-a, por não fazer fé de escrivão a declaração do alcaide, mas tambem elogiando a pelo honrado procedimento havido com o abelhudo alcaide e dividindo entre este e o corregedor o pagamento da multa em que injustamente se tinha condemnado a recorrente (2).

Abençoados desembargadores e bem empregada bofetada! Com o andar dos tempos desappareceram os alcaides e meirinhos, mas em compensação temos ahi os guardas fiscaes, que não deixam esmorecer as tradições galantes dos zelosos funccionarios das corregedorias seiscentistas.

*

Mais quatro leis possuimos ainda do tempo dos Filippes: a pragmatica sobre os gastos dos funeraes, que se faziam com demasiada pompa, publicada em 1591; as cartas regias de 10 de outubro de 1623 e de 19 de junho de 1626, prohibindo ás mulheres andarem tapadas e embuçadas na rua, e a lei de 22 de agosto do mesmo anno, sobre os machos e mulas de sella e sobre o uso de coches.

Foi com a entrada solemne de Filippe II em Portugal que vieram os primeiros coches. Na vista-planta da cidade que vem no livro do hespanholado Lavanha, feito em louvor do monarcha intruso, lá se vêem, entre a multidão que enche o Caes do Sodré e o Terreiro do Paço, alguns d'esses vehiculos. Desde então tornou-se o seu uso uma verdadeira mania.

---

(1) Citada Descripção da Viagem a Portugal.

(1 e 2) Summario de Varia Historia.

O figurino (exemplar raríssimo) a Pragmática de D. Pedro II, publicada em 1698

A moda no fim do reinado de D. João IV

O museu de Belem attesta de um modo evidente a riqueza e a abundancia das pesadas carruagens. Todo o fidalgo passou logo a ter coche, e, o que é mais, a adornal-o dos melhores atavios. Por mais leis que se publicassem, não houve meio de obstar á sua generalização, nem de regular o numero de bestas que os deviam puxar. Apenas os desembargadores, ecclesiasticos e grandes fidalgos tinham permissão de andar de coche tirado a mulas, pela grande falta que d'estes animaes havia no reino. Assim o determinam uma lei de 1650 e as pragmaticas de 1677, 1686 e 1698, as quaes tambem prohibiam os lutos nos coches e as seges descobertas.

Era bradar no deserto. Qualquer fidalgote provinciano se atrevia a ter coche, a arreal-o luxuosamente, a sobrepujal-o de grimpas doiradas e enfeites caros, a atrellar-lhe seis mulas e, com a maior desfaçatez d'este mundo, a estadear taes grandezas, passeando no Terreiro do Paço nas proprias barbas de sua magestade.

❋

El-rei D. João IV, livre o paiz da influencia das modas castelhanas, mandou publicar a pragmatica de 1643. D'esta, que é muitissimo interessante, diz Ribeiro Guimarães no *Summario de Varia Historia* que junto a ella se achava um figurino para servir de norma e modelo ao vestuario de cada um. Em alguns dos exemplares do impresso avulso, que tive occasião de vêr, não achei tal figurino, nem sequer do texto da lei se deprehende que o tivesse, o que me leva a crêr que o auctor do *Summario* confundiu esta pragmatica com a de 1698. Esta é que anda (muito raramente) acompanhada de um figurino curiosissimo, a que o texto faz frequentes referencias. Em breve falaremos d'elle.

Depois de impressa e divulgada esta lei, appareceu o alvará de 21 de abril de 1644 attendendo á reclamação que os negociantes venezianos e genovezes tinham feito e deferindo o pedido n'ella expresso para que se pudesse commerciar com dois carregamentos de estofos prohibidos que haviam embarcado antes da publicação da pragmatica.

A lei de 20 de agosto de 1649, em additamento ao alvará e a um decreto d'esse mesmo anno, prohibindo as capas e os rebuços, tem a seguinte disposição que vale a pena não omittir: «*Que nenhuma mulher possa trazer chapeu com manto, andar embuçada, ou usar de capa com rebuço, excepto as regateiras que a poderão usar no logar da venda e só a poderão usar com mantilhas, e não haverá manto com chapeu salvo as parteiras que andarem em mulas.*»

Em pleno reinado de D. Maria II

E sabem qual a pena que cabia a cada infracção? Nada menos do que 50$000 réis de multa e quatro ou dois annos de degredo para Angola e Brazil, conforme a qualidade das delinquentes.

Que duro coração tinham estes legisladores!

❋

D. Affonso VI não quiz saber de pragmaticas e fez bem. Bastavam as que havia e o tempo era escasso para correr aventuras infelizes. Já D. Pedro, seu irmão, não commungou nas mesmas idéas e mal tomou conta da regencia entrou de reformar os costumes escandalosos do seu tempo. Como regente e como rei, subscreveu cinco leis referentes ao desmedido luxo da sua côrte. Essas leis publicadas respectivamente nos annos de 1668, 1674, 1677, 1686 e 1698, quasi todas identicas nas prohibições e regulamentos, dão uma idéa approximada dos desmandos no trajar e do luxo de que se cercava não só o fidalgo da côrte como o mecanico, na ultima metade do seculo XVII.

Um escriptor coevo diz: «*Os homens andavam enfeitados como mulheres, e as mulheres nuas como maganas: o excesso facilitava o uso, vestindo o official, e o mecanico, tão custoso que já se desprezavam os chamalotes, e se tinha a seda por grosseria: e o peor era, que as rendas de prata, e ouro se vião donde não havia ouro para prata; e o deshonesto dos trajos rendia para os trajos deshonestos, sustentando-se o brio muito á custa da honra, com tal devassidão, que já não se reparava em faltarem as mulheres em serem honradas, com que se avançasse a sahirem bem vestidas*» (1).

A reacção contra a pragmatica de D. Pedro II—O fausto da côrte portugueza ao momento da acclamação de D. João V

Outro rabiscador anonymo diz, referindo-se ás mulheres: «*Podem conhecer-se as mulheres, como em algum tempo as galinhas, pelas calças, porque umas as trazem amarellas, outras azues, pela maior parte da côr das papoilas; e rara é a que não traz hoje nas mangas mais pano que um barco do Alto nas velas*». E mais adiante: «*ellas com fitas dão tantas voltas na cabeça, que parecem bandeiras de navio Holandez*» (2).

Os homens vestiam-se de adornos femininos, punham lacinhos, plumas, rendas de preço, borlas e outras louçainhas mulherengas. As cabelleiras postiças polvilhadas a tal exagero chegaram que deram motivo a uma representação do senado da camara ao principe regente, pedindo a sua prohibição como medida moral hygienica e economica, allegando o seu custo fabuloso (algumas vendiam-se a 60$000 réis) e a proveniencia perigosa do cabello com que eram feitas, o qual, geralmente, era tirado dos mortos (3).

Foi no meio d'este luxo que cairam, como um raio, as pragmaticas de D. Pedro II prohibindo os excessos e os desmandos no trajar. As marquezas de Niza e de Arronches — rainhas das elegantes do tempo, — deviam-se ter mordido de raiva olhando os seus preciosos guarda-infan-

(1) Monstruosidades do Tempo e da Fortuna.
(2) Lisboa Antiga, de J. de Castilho, vol. II.
(3) Summario de Varia Historia.

tes inutilizados pela lei terrivel. Os pintalegretes, cingidos ao feissimo figurino da pragmatica de 1698, que lhes marcava a posição das algibeiras, o numero dos botões e a casa por onde havia de passar a gravata, que lhe defendia o uso dos pannos estrangeiros, das capas com golilha ou Walonas, amarrotavam os punhos de rendas de ponto de Veneza, que nunca mais poderiam usar, e punham os olhos lacrimosos nas largas capas e *sombreros* castelhanos com que de noite se vestiam a distribuir fatos de cutiladas aos cidadãos indefezos e aos quadrilheiros do corregedor.

Nunca mais, diziam as pragmaticas affixadas ás portas dos alfaiates, se usariam adereços de pedras falsas, enfeites e guarnições nos vestidos, chapéus, boldriés e telins fabricados no estrangeiro; nem filagranas, nem botões de oiro. Lisboa, d'ahi por diante, não veria mais os funeraes sumptuosos, os coches cheios de velludos e doiraduras e as séges da ultima moda. El-rei arruinára, destruira o bom gosto. Só casacas de panno liso, mangas de canhão de bota, chapéu nacional sem cairel. Adeus, esmaltes, sedas, damascos e brocados!

Tal era a desolação que as leis causavam nos primeiros dias. Um mez depois ninguem pensava n'isso; nem sequer o rei. Quando em 12 de agosto de 1687 chegou a Lisboa a rainha D. Maria Sophia Isabel de Neuburgo, el-rei foi esperal-a a bordo, vestido de casaca côr de fogo, bordada a ouro, espadim e bastão cravejado de diamantes, chapéu com medalhão de pedras e um brilhante de incalculavel valor no laço da gravata de rendas. A infanta vestia de primavera de oiro sobre setim encarnado, guarnecida de joias de subido preço. Assim entrajados os dois é que embarcaram na rica galeota real, doirada e empavezada, com toldos e sanefas de setim vermelho e os remeiros vestidos da mesma côr, a demandar a nau que trazia a futura rainha.

As festas que a cidade fez foram esplendidas. Houve luminarias, fogos de artificio, danças, musicas e touros. Na segunda corrida o conde de Villa Flôr conseguiu exceder, no sequito de que se fez acompanhar, o luxo dos condes da Torre e de Sarzedas e de D. João de Castro nas corridas de 1662, realisadas em honra da infanta D. Catharina, antes de partir para Inglaterra. Apresentou na praça nada menos de 150 creados, entre lacaios, moços de espora e egoariços, uns vestidos á castelhana, outros á flamenga e outros á portugueza, todos rutilantes de seda e oiro, sumptuosos e soberbos. D. Pedro II, o rei Pacifico (?), applaudia meneando satisfeito a cabeça onde talvez germinasse a ideia de nova e mais rigorosa pragmatica.

São por demasiado conhecidos o luxo e as modas de todo o seculo XVIII. Muito se tem escripto sobre o assumpto e aos menos versados em materia de historia é notoria a magnificencia e a grandeza de que sempre se cercou o quinto João. As festas da Junqueira em 1738, para solemnisar os annos da princeza do Brazil, a pompa das procissões a que el-rei imprimia um cunho pessoal e inconfundivel, acham-se já sufficientemente estudadas, para que eu, humilde e despretencioso cabouqueiro, vá desenterrar de novo memorias de cousas velhas e relhas, que outros, com maior competencia, já mostraram, sacudidas do entulho e da poeira, aos olhos curiosos dos amadores e dos entendidos. Rebuscarei sómente de entre o luxo setecentista o que houver com referencia ao que mais particularmente tenho tratado.

Em 1708 (6 de maio) assignou D. João V — quem tal havia de dizer — uma pragmatica reeditando as de 1667 e 1698 e dispondo apenas de novo que não se consentisse caireis de côr nos chapéus pretos, nem caireis pretos nos chapéus pardos, disposição esta que depois foi alterada por decreto de 31 do mesmo mez e anno exceptuando d'ella os militares. Afóra isto a unica novidade que nos dá é a permissão d'uma barra de seda, da largura de tres dedos, nos guardapés das damas. Com respeito a penalidades pouco differe das anteriores.

Em 1735, surge-nos uma Resolução Regia prohibindo aos officiaes militares o uso de barracas de campanha feitas de seda e o abuso de demasiados pratos nas suas mesas; em 1749 uma outra pragmatica moderando outra vez o luxo nos trajos, carruagens, moveis e lutos e determinando que os presentes entre os noivos não tenham maior valor do que a quinta parte dos dotes; em 1750, um decreto permittindo aos officiaes trazerem galão de ouro nos chapéus; em 1762, um alvará prohibindo que se atrellassem, em Lisboa, mais de duas bestas ás carruagens, e em 1770, outro alvará não consentindo o fabrico e a venda de chapéus estrangeiros.

Typos de Lisboa do seculo XVIII

Depois dorme o luxo um grande somno socegado, por muitos julgado como o somno final do esquecimento, quando, em 1804, Pina Manique expede um aviso fulminante aos corregedores dos bairros da capital, mandando-os intimar as alfaiatas ou modistas a supprimirem as modas escandalosas e indecentes e prohibindo a circulação dos bonequinhos, figuras e pinturas espalhadas por Lisboa a apregoar os trajos das elegantes parisienses.

Foi esta a ultima investida da lei contra o vestuario cidadão. De 1804 para cá, apenas a justiça tem tido o flagello das pragmaticas, que desde 1652 a não apoquentavam (1). As elegantes e os janotas foram finalmente deixados em paz.

Hoje cada um se veste como lhe apraz. Nada de prohibições, nem de restricções. Os homens variam, a seu belprazer, o feitio dos fatos e usam tecidos nacionaes ou estrangeiros, sem que o governo intervenha a regular-lhes o tamanho e o numero dos botões ou o comprimento das abas da rabona. As damas sujeitam-se gostosamente aos caprichos da moda, tão voluvel como extravagante, ora similhando amphoras ou aventesmas, silphides ou avejões, independentemente da sancção das côrtes e da vontade do ministro do reino.

A liberdade é completa, infelizmente tão completa que se permitte que um homem, uma creatura que pensa, que sente, que soffre talvez, se entraje grotesca e espectaculosamente e vá de rua em rua, ás vaias do povo, sellado e estampilhado — humilhantissima coisa — como um objecto, um painel, um cartaz, servir de reclamo vivo a uma revista em voga ou a uma empreza commercial de fatos a prestações.

A liberdade á sombra da qual se consente que a miseria se degrade, não é de modo nenhum o principio preconizado pelos philosophos do seculo XVIII; é, pelo contrario, uma mixordia de ideias absurdas e incoherentes, tão adulterada e falsificada como o azeite e a manteiga que nos impingem os tendeiros, e em cujo fabrico a azeitona e o leite interferiram tanto como Pilatos no crédo. (2)

G. DE MATTOS SEQUEIRA.

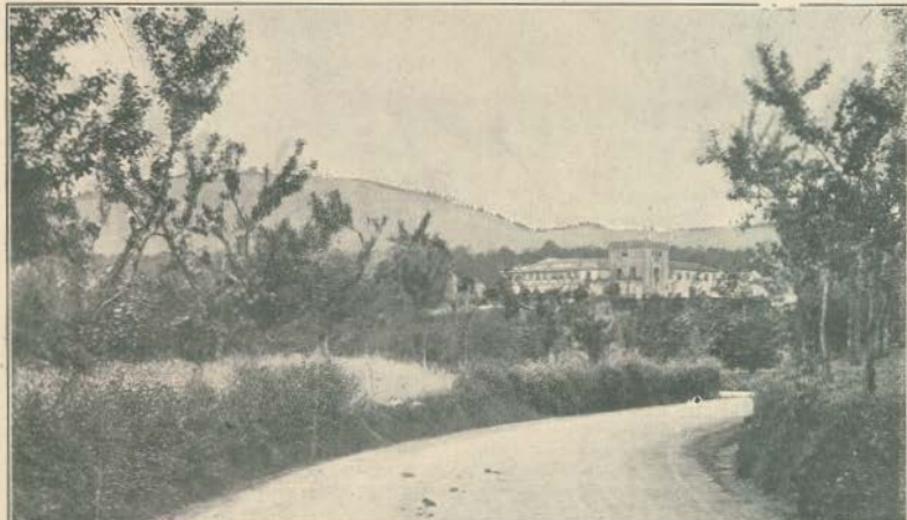
[1] O alvará de 30 de junho de 1652 determina que os magistrados só usem de togas talares descobertas, gorra, carapuços, roupeta sem reclamos, rosas e outras novidades e prohibe-lhes sapatos de sola raza e guedelhas que passem da face. Modernamente o vestuario dos officiaes de justiça foi regulado pelas seguintes leis: decreto de 17-9-1835, portarias de 11-2-1843 e 8-6-1850 e circular da presidencia da Relação do Porto de 2-10-902.

[2] Todas as leis, alvarás, decretos, cartas regias e pragmaticas citadas n'este artigo foram tiradas dos 5 primeiros livros de leis, existentes na Torre do Tombo, das Leis Estravagantes de D. N. de Leão, do Livro n.º 16 da Camara de Santarem, que tambem se guarda na Torre do Tombo, da Collecção de Leis impressas, existentes na B. Nacional, e de differentes impressos avulsos que o auctor possue.

XII — CASA DE AZEVEDO

Quem, peregrinando pela margem direita do Cavado, avista, a meio da estrada que liga a decadente villa de Rodo á florescente villa de Barcellos, o grande e conhecido solar de Azevedo, tem, no goso da alma, generosa compensação para a fadiga muscular; e, se conhece a preclara genealogia d'esta casa, transporta-se, por momentos, a remotas epocas, identifica-se com a civilisação medieval e convence-se facilmente de que, como portuguez, participa da gloria d'esses homens que, á força de valor e de patriotismo, immortalisaram seus nomes.

A fonte na estrada que conduz ao solar

A reedificação do velho solar, effectuada no primeiro quartel do seculo XVI, pela viuva de Diogo de Azevedo, attesta que D. Izabel de Sousa, prima co-irmã do arcebispo D. Diogo, fôra impulsionada pelo movimento artisti-

Vista geral da casa de Azevedo

co que transformou a cidade de Braga, sob a generosa direcção d'aquelle esclarecido prelado.

Ha todavia a lamentar algumas criminosas alterações que assaz prejudicam a nobreza do edificio.

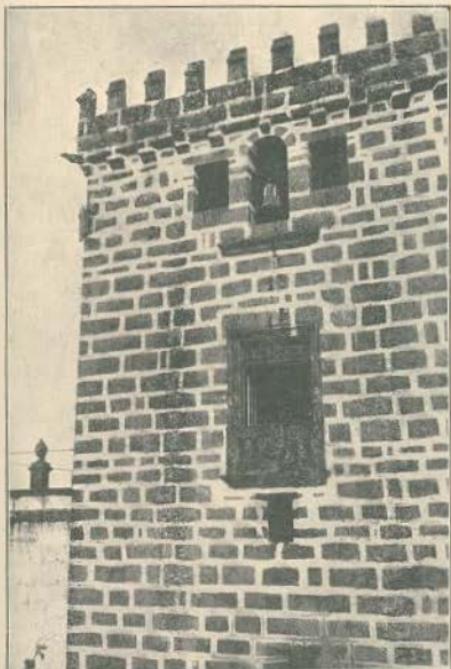
A desgraciosa casa, construida no meado do seculo XIX, que, com a face mais bella da orgulhosa torre, constitue agora a fachada oriental; esse irritante accrescimo destinado á vedação e á accommodação de utensilios agricolas, é um attentado contra a Arte e contra a honrada memoria do erudito conde de Azevedo, que, em dia aziago, realisou tão desastroso *melhoramento.*

A varanda do meio-dia, accrescida no seculo anterior, quebrou a harmonia do edificio, mas deu-lhe amplidão e conforto.

Ao cimo da escada do pateo, uma longa inscripção lapidar, da era de 1536, recorda a celebre sentença de 30 de agosto de 1533, proferida em Evora pelos desembargadores Martim Do Sem e Ruy Gomes Pinheiro, ácêrca da natureza vincular da quinta de Azevedo e, consequentemente, sobre a representação e chefia dos Azevedos. Não foram ouvidos nem convencidos os senhores de S. João de Rei; mas estes, esquartelando o seu escudo com as armas dos Coutinhos e não possuindo o solar de Azevedo, difficilmente poderiam oppôr-se áquellas legitimas pretenções de primogenitura.

No interior do palacio, a attenção fixa-se nos formosos azulejos, do seculo XVIII, com illustrações artisticas a evocarem a historia dos senhores de Azevedo, e utilisados nas ornamentações da sala nobre da torre. Brevemente serão aqui descriptos pelo meu talentoso amigo Manuel Monteiro, com a pericia e com a erudição que assignalam os trabalhos d'este illustre collaborador da *Illustração Portugueza.*

A torre do solar vista do nascente

Na impossibilidade de se referir a longa e nobilissima serie dos senhores de Azevedo, deixo na paz tumular os ricos-homens, o reedificador do mosteiro de Villar dos Frades, o conde de Refoyos e o cavalleiro do Salado, e outros heroes de renome: todos esses avós de Lopo Dias de Azevedo, que remiu com actos de heroismo a deslealdade de seu pae Diogo Gonçalves de Castro. D. Henrique de Castella poz cerco a Guimarães no anno de 1369; e Fernão Lopes, na Chronica do Senhor Rei D. Fernando, narrando esse facto, accrescenta: «e ao serão entrou Diogo Gonçalves de Castro, pae de Lopo Dias de Azevedo, em pannos de burel, dentro na villa, dizendo que era homem do julgado que ia a velar, e os da villa conheceram-n'o e foi logo tomado; e, vendo que não havia n'elle senão morte, confessou que entre elle e El-rei D. Henrique havia tal falla que puzesse o fogo á villa em quatro partes, e que emquanto os da villa acorressem a apagar o fogo que trabalhasse El-rei D. Henrique por entrar na villa; e elles, vendo tal traição como esta, mataram-n'o e deixaram n'o comer aos cães.»

A torre do solar vista do sul

Não é licito isolar este facto dos costumes d'essa epoca violenta.

Clero, nobreza e povo, em Portugal como em Castella, deixavam-se arrastar pelas paixões; e estas nem sempre ferveram ao calor do patriotismo e da generosidade. Mas ha mais:

Diogo Gonçalves era irmão de Alvaro Gonçalves, a quem el-rei D. Pedro, poucos annos antes, havia mandado arrancar o coração pelas costas para vingar a morte de D. Ignez de Castro.

O infame contracto de extradicção, que precedeu aquella execução, fôra celebrado com D. Pedro o Cruel. D. Henrique havia assassinado o monarcha que entregára vilmente Alvaro Gonçalves, e este facto devia facilitar as suas relações com o senhor de Azevedo.

Isto não justifica, mas explica.

Aquella sombra está no seu logar para dar mais brilho e maior relevo á figura heroica do grande Lopo Dias de Azevedo, que tantos e tão relevantes serviços prestou ao Mestre de Aviz na defeza e engrandecimento da sua patria. Achou-se com elle no sitio de Lisboa, nas côrtes de Coimbra, na batalha real de Aljubarrota e na empreza de Ceuta, abandonando a familia e a fazenda e mostrando sempre valor egual á sua qualidade.

Em Ceuta, seus filhos João, Pedro e Martins obraram proezas que as chronicas registam. Martim Lopes de Azevedo foi ali armado cavalleiro pelo infante D. Pedro. Cabe aqui a transcripção da noticia que d'elle nos dá o academico Soares da Silva nas suas Memorias d'El-rei D. João I.

«O dito Martim Lopes foy hum dos mais alentados homens daquelle seculo, e dos doze, que foram a Inglaterra em defensa das Damas; militou em todas as guerras do seu tempo e, na jornada de Ceuta, acompanhou El-Rei e foy por capitão de huma nao (como seu pay foy tambem de outra) e ultimamente morreo na expugnação de Tanger, e seu filho Lopes de Azevedo, indo acompanhar aos Infantes D. Henrique e D. Fernando; e tambem seu irmão Pedro Lopes de Azevedo, indo com o conde D. Pedro de Menezes, morreo em hum choque com os mouros. Teve mais Lopo Dias de Azevedo outros filhos (todos dignos de tal pay) dos quaes diz Gomes Annes de Azurara, na Historia de Ceuta, que ainda conhecera quatro, todos homens de grande talento, e capacidade, principalmente Fernão Lopes de Azevedo, commendador da Ordem de Christo, e Luiz de Azevedo, Vedor da Fazenda, ambos do Conselho d'El-Rey e Embaixadores e varios Principes nos reynados de D. Duarte, e D. Affonso V como consta das suas chronicas.»

Martim Lopes de Azevedo é nome que se repete ainda duas vezes, na serie historica d'esta antiquissima familia, para nos indicar cavalleiros dignos da gratidão nacional.

Martim Lopes, neto do primeiro, serviu durante vinte annos nas guerras africanas e foi um dos cinco que escaparam com Lopo Vaz de Sampaio quando os mouros assaltaram Tanger. Seu neto Martim Lopes de Azevedo tomou o partido do Prior do Crato, oppondo-se, com o ardor da mocidade e com o alento da esperança que seu patriotismo alimentava, á fatal usurpação castelhana, á perfidia iberica que sacrificou a nossa independencia. Expatriado o infeliz pretendente, Martim Lopes soffreu os horrores do carcere até que as lagrimas de D. Leonor de Mascarenhas, tia de sua

A entrada nobre do solar senhorial dos Azevedos

mulher e dama da imperatriz D. Izabel, mulher de Carlos V, conquistaram o perdão que lhe salvou a vida e lhe restituiu a liberdade.

A varonia Azevedo terminou n'esta casa com o fallecimento de João Lopes de Azevedo. Sua irmã e successora D. Maria Emilia Lopes de Azevedo Pinheiro Pereira e Sá casou com o illustre fidalgo Antonio Martinho de Barbosa da Fonseca Sousa e Castro, senhor do Paço de Marrancos, de quem teve dois filhos: Francisco Lopes de Azevedo Velho Barbosa da Fonseca Pinheiro Pereira e D. Maria José do Livramento, mulher de Estevão Falcão Cotta de Bourbon e Menezes.

A inscripção lapidar da torre, casas e honra de Azevedo (1536)

Francisco Lopes, 1.º visconde e 1.º conde de Azevedo, honrou as tradições herdadas, distinguindo-se nobremente entre os mais briosos representantes da velha aristocracia, e conquistando a admiração dos eruditos com os seus valiosos trabalhos litterarios. Tinha a representação de varias familias historicas; e sua grande casa abrangia alguns solares notaveis, que opportunamente descreverei n'este inventario. Esta quinta solarenga passou por disposição testamentaria a uma sobrinha dos condes de Azevedo: á ex.ma sr.a D. Maria Candida Falcão Cotta de Bourbon e Menezes, casada com o ex.mo sr. Francisco Barbosa do Couto da Cunha Sottomaior, seu actual possuidor. O titulo de conde de Azevedo acha-se acertadamente renovado em seu filho Pedro Barbosa de Bourbon e Azevedo, a quem não faltam dotes pessoaes para a representação d'um nome tão illustre e de tanta responsabilidade.

«Porque nobreza alguma nunca se herda
«Quando o herdeiro não obra
«Como aquelles obrarão
«Que para os imitar o procrearão;
«Isso só se concede,
«Se, qual no sangue, o valor succede.»

(Faria e Sousa).

José Machado.

O solar de Azevedo [lados nascente e sul]

Autographophilismo universal

Que a paixão pelos autographos ou o *autographophilismo*, — permittam-me este soqueto neologico — mesmo na mais remota e tenebrosa antiguidade teve sempre os seus devotados adeptos, se bem que restrictos, não offerece duvida alguma; pois sendo o autographo a reliquia mais fidedigna e mais interessante d'um determinado personagem, é obvio que havia de impressionar, profundamente, os nossos antepassados assim como, decerto, tambem impressionará os nossos vindouros, e talvez até com mais intenso vigor, com mais poderoso masculismo, do que actualmente nos impressiona. Ora como no nosso paiz a paixão pelo autographo não tem dado mostras da sua galharda vitalidade parecendo quasi não existir — e se existe de facto, é

> Sobre a nudez forte da verdade
> o manto diaphano da fantasia
> (Eça de Queiroz)

muito e muito á solapa — eu concebi então a idéa de trazer perante os leitores da *Illustração Portugueza* alguns resumidos dados historicos sobre a universalidade do autographophilismo, assim como tambem algumas vagas notas sobre tão curioso culto, do qual, como é bem evidente, teem derivado preciosas luzes para a chronica da vida intima das nações, para a biographia rigorosa dos grandes homens e para a historia geral da humanidade.

Entre os hebreus o autographophilismo encontra-se verdadeiramente accentuado. Esse ardente carinho tributado, em geral, ás *taboas da lei*, encerradas com extraordinario amor na aurea Arca da Alliança, não é simples e unicamente a consequencia fatal d'um mysticismo morbido, mas tambem a sublime emoção de um povo inteiro autographophilo a vibrar, apaixonadamente, perante a escripta sacra, perante o manuscripto divino. No antigo Egypto — o Egypto mysterioso dos Pharaós — depunham-se com tocante piedade na caixa das mumias os autographos do finado, e d'ahi — depois do rebuscar investigador dos sabios modernos — conhecerem-se hodiernamente manuscriptos, em papyro e em panno, que contam muitos seculos de existencia. S. Clemente de Alexandria, apoiado na auctoridade d'um historiador antiquissimo, refere que uma das rainhas Atossas, da Persia, era grande colleccionadora de autographos. Na gloriosa Grecia — a decantada patria dos perfis femininos — a paixão pelo autographo tambem se manifestou desde os mais obscuros tempos, o que não podia deixar de dar-se attendendo ao gosto finamente artistico e ás faculdades profundamente intellectuaes d'esses famosos revolucionarios nas artes plasticas, esses admiraveis gregos que abriram, positivamente, na historia artistica da humanidade um dilatado e phenomenal parenthesis de originalissimo e fecundante progresso. Entre os romanos tambem o autographophilismo imperou, e d'uma maneira tão larga e tão sensivel, com uma tão mascula feição, que a Historia vincula factos detalhados. Em Roma guardavam-se, carinhosamente, as epistolas de Cicero, os manuscriptos poeticos de Virgilio, e os cadernos de apontamentos do imperador Augusto. Pomponius Secondius — segundo affirma Plinio, *o velho*, — colligía autographos de personalidades celebres, possuindo mesmo uma importantissima collecção d'elles; no emtanto parece que a maior collecção romana, de que ha noticia, era propriedade do consul Mutianus. O famoso sophista Libanius de Antiochia adquiria a peso de ouro todos os autographos de que tinha conhecimento; e a sua intensa e furiosa paixão autographica ia a tal extremo que, possuidor d'um velhissimo manuscripto da *Odysséa*, o imaginava, convicto, contemporaneo e quiçá do proprio punho de Homero! Plinio, *o moço*, comquanto conservasse religiosamente os autographos de seu tio, cede, a Largius Licinius, alguns d'elles pela bonita quantia de 16:800$000 réis. Tambem já n'aquelle tempo era uso solicitar das individualidades da epoca a suprema honra de cederem um autographo, e d'ahi — os poetas mais glorificados, os oradores mais eloquentes, os philosophos mais seguidos, os generaes mais victoriosos e os artistas mais admirados verem-se, de continuo, assediados pelos autographophilos seus contemporaneos, que lhes rogavam, calorosos, quaesquer simples gatafunhos para enriquecer uma collecção.

Mas, segundo relata o grande colleccionador francez Feuillet de Conches na sua interessantissima obra *Causeries d'un curieux*, é — quem diria? — a exotica China a nação autographophila por excellencia, pois todo o chinez tem uma rasgada paixão pelo autographo, fanaticamente, n'um fetichismo nervoso, epileptico, tradicional. No Celeste Imperio os autographos dos antepassados ornam as paredes interiores dos edificios publicos assim como as das proprias casas particulares mais humildes, e esses autographos — ou

> "Sobre a nudez forte da verdade, o manto diaphano da phantasia."
> Eça de Queiroz.
> Julio Dantas.

fac-similes muito correctos — em caracteres escuros ou brancos mais ou menos gigantescos são, geralmente, sentenças moraes ou religiosas de personagens celebres pelo seu saber: philosophos, sacerdotes, legisladores, etc. O magestoso templo de Confucio, em Pekin, é um maravilhoso museu autographico; as suas altas e compridas paredes estão, totalmente occupadas por autographos dos homens mais celebres que teem existido na China; e entre esses autographos alguns ha que contam mais de dois mil e quinhentos annos de existencia, o que não parecerá exaggerado se se attender a que o autographophilismo chinez não é unicamente de hoje, nem de hontem,

mas sim antiquissimo, e que sendo tambem o autographo protegido pela veneração geral é muito possivel que os do templo de Confucio conseguissem, por isso, passar incolumes atravez de bastas gerações. No Celeste Imperio os autographos dos altos personagens da politica solicitam-se com calido empenho como entre nós se costuma solicitar as veneras famosas, pois a posse legitima d'elles e a sua acquisição directa dão ao contemplado a mesma forte e intensa vaidade, o mesmo empanturramento de risonho orgulho. Um dignitario, um general, um homem de lettras, recebe com commovida veneração e vae logo pregar, cheio de alegria e ancho de honra, na parede de sua casa a folha de papel onde o pincel do imperador se dignou juntar em lettras de purpura — tinta que lhe é exclusivamente reservada — uma ou duas curtas linhas de louvor, de felicitação ou de simples cumprimento. D'esse habito de enfeitar a casa com o autographo pode-se inferir, muito naturalmente, que elle é na China o desenho por excellencia, o ornamento mais caracteristicamente nacional; depois a escripta chineza é executada com cuidadoso apuro, com todos os requisitos artisticos, porque esse exotico povo de tez amarella e longo rabicho pendido pelas costas, esse povo ferrenhamente tradicionalista, casmurramente estacionario, com uma civilisação muito sua, segue uma ordem immutavel e sublime na graphia do seu pensamento, calligraphando-o com extremo cuidado que espanta, produzindo por isso um bello e apreciavel trabalho de desenho. O *fac-simile* predomina por toda a parte n'uma dilatada superabundancia como motivo de decoração, mas tambem no louvavel intuito de assim se vulgarisar a escripta do homem celebre, pois o chinez, autographophilo ardente, não é — e honra lhe seja! — um monopolista de autographos. Como o papel só por si não seja considerado sufficiente para popularisar a lettra das personalidades em evidencia, o *fac-simile* é então posto sob todos os tamanhos e fórmas — em relevo, cavado ou pintura — nos objectos mais vulgares no uso domestico; e d'ahi esses caracteres singularmente picaros que a gente está habituada a vêr nos productos manufacturados no Celeste Imperio — leques, chavenas, stores, caixas de charão e de chá, etc., — e que tão eloquentemente os individualisa, outra cousa não são mais do que *fac-similes* de autographos celebres.

Sobre a nudez forte da Verdade
o manto diaphano da Phantasia
Eça de Queiroz
Teixeira Lopes

Na Europa moderna é somente no seculo XVII que o amor pelo autographo se começa a manifestar, mas n'um grau ainda muito tenue, com um caracter bem pouco definido; o francez F. de Bethune forma a primeira collecção de autographos composta de 750 cartas originaes de personagens illustres de todos os paizes; no emtanto Roger de Gaignières é, entre outros, o maior colleccionador do referido seculo, pois chegou a possuir mais de mil e quinhentos autographos de differentes personalidades historicas. Por aquelle tempo tambem apparecem na Inglaterra os colleccionadores Evelyn e Cotton, mas este ultimo talvez deva, com mais propriedade, ser incluido na classificação especial de onomatographophilo, visto que preferia unicamente a assignatura, chegando mesmo a inutilisar preciosos documentos só para lhe aproveitar as firmas. No seculo XVIII o gosto pelo autographo desenvolve-se, com extraordinaria rapidez, em todos os paizes, mas só no começo do seculo passado é que a paixão se dilata forte, intensa, profunda, podendo, pois, assignalar-se a aurora do mencionado seculo como a epoca da positiva genesis, gradualmente evolutiva, do autographophilismo europeu. E salientam-se, então, os grandes colleccionadores. Em França: o livreiro Chavaray, o dramaturgo Pixerecourt, o pintor Boilly, o mathematico J. Charles, o philosopho Victor Cousin, a condessa de Castellane, o historiador Renée, o bibliothecario Rathery, o chimico Dubranfaut, o archeologo Philon, o romancista Alexandre Dumas, o dramaturgo Victorien Sardou e sobre todos emerge gloriosamente a personalidade famosa, e talvez o autographophilo mais puro, do barão Feuillet de Conches. Na Inglaterra a maior collecção particular, e que passa pela mais preciosa da Europa, é a de Alfred Morrison. E na Allemanha, na Italia, na Russia, na Hollanda, na Belgica, etc., etc., as collecções são bastas e os autographophilos numerosissimos. No entanto, se bem que os gabinetes autographicos particulares sejam riquissimos, é, muito naturalmente, nas collecções publicas — bibliothecas, museus, archivos — onde se encontram guardados os mais importantes autographos. E a titulo de mera curiosidade vejamos, n'um assopro, algumas das preciosidades autographicas que ha por essa Europa fóra. A Bibliotheca Nacional de Paris possue, entre outros, importantissimos originaes de Luiz XIV, Henrique IV, Corneille Champollion, Racine, Boileau, Bernard Palissy, Maria Stuart, Montaigne, Rubens, Bossuet, madame de Sevigné, Voltaire, J. J. Rousseau, Pascal, La Fontaine, Victor Hugo, André Chenier e os apontamentos colhidos por Emile Zola para a composição do formidavel *L'Assommoir*. Na bibliotheca de Bale existem autographos de Erasmo, Holbein, Luthero, Quintiliano, etc.; na de Milão, de Petrarcha, Leonardo de Vinci, Lucrecia Borgia; nas de Veneza, Florença e Napoles, o testamento de Marco Polo, cartas de Dante, manuscriptos de S. Jeronymo, Plinio, Benevenuto Cellini, Tasso, Ariosto, Galileu, etc.; n'uma das mais importantes bibliothecas publicas da Austria está o manuscripto original da *Jerusalem Libertada* e um caderno de apontamentos de Tito-Livio. O Museu Britannico, de Londres, possue as riquissimas collecções legadas pelos maiores autographophilos que teem existido na Inglaterra, e n'ellas se encontram preciosos originaes de Bacon, Milton, Newton, Cromwel, Racine, Galileu, Alberto Durez, Van-Dyck, Rubens, Hugo e de outros homens celebres. Esse museu, cheio de todas as raridades que impressionaram os excentricos inglezes viajantes, passa por

"Sobre a nudez forte da Verdade
o manto diaphano da phantasia
Eça de Queiroz."

ser o principal do mundo, e cabe-lhe a honra de ter sido n'uma das suas salas que se realisou, em meados do seculo passado, a primeira exposição de autographos. As nossas bibliothecas tambem possuem importantes originaes, principalmente a Nacional de Lisboa e o Archivo da Torre do Tombo, onde, como toda a gente sabe, se guardam piedosamente os mais preciosos documentos historicos. Na bibliotheca publica de Evora ha interessantissimos autographos de D. Sebastião, frei Bartholomeu dos Martyres, Christovam de Moura, D. Catharina, D. João IV, Antonio Carneiro, padre Antonio Vieira, *Candido Luzitano*, padre Manuel da Silveira Malhão, Cenaculo, etc.

"Sobre a nudez forte da verdade o manto diaphano da phantasia"
(Eça de Queiroz.)

O autographo augmenta no seu valor estimativo e monetario na razão directa da sua raridade, isto é — conforme menor fôr o numero de originaes conhecidos d'um determinado auctor assim elles se tornam mais apreciaveis para os autographophilos e d'ahi, por serem mais procurados, mais caros no commercio. De Shakespeare — só se conhecem quatro assignaturas; de Pierre Charron, celebre orador sagrado e plumitivo famoso, só ha duas assignaturas; de Danton — apenas algumas notas autographas e meia duzia de assignaturas; de Tycho-Brahe — uma taboa de logarithmos; de Molière — duas ou quatro linhas do seu proprio punho; e de Malherbe um caderno de *Memorias* para educação de seu filho. Mas se d'estes homens superiores ainda restam tão restrictas provas da sua escripta, outros ha cujos autographos se extraviaram, para eterno desespero dos autographophilos, e em tal caso estão — Santo Ignacio de Loyola, Zwinglio, Raphael, Ruyter, Etienne Dolet, etc. Do nosso grande epico Camões tambem não ha um unico autographo nem uma assignatura sequer, como de Bernardim Ribeiro, Côrte Real, Fernão de Magalhães, Nun'Alvares Pereira, João das Regras, etc.

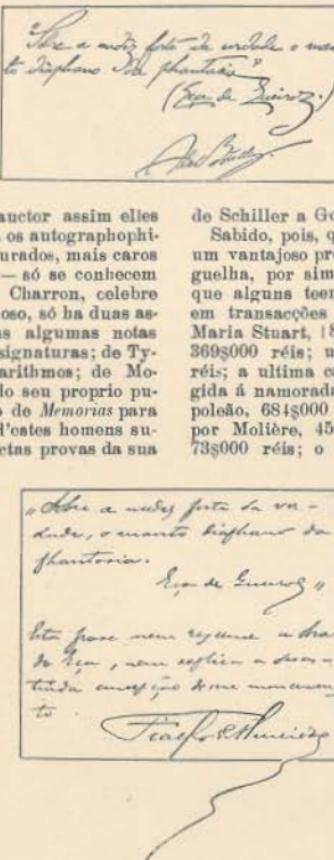
"Sobre a nudez forte da verdade, o manto diaphano da phantasia.
Eça de Queiroz"

Ora desde que o autographo passou a constituir tambem uma vantajosa especulação commercial, logo a ganancia e o pouco escrupulo dos intrujões começou a dilatar-se fraudulentaria, no condemnavel intuito de burlar a boa fé dos autographophilos ardentes, e principiaram a falsificar os mais raros originaes que seriam mais bem pagos nas transacções estabelecidas. E apparecem então no mercado, especialmente em França, autographos falsos. Em Paris chegou mesmo a haver uma verdadeira *fabrica* montada a capricho, para essa industria de nova especie e foi d'ella, provavelmente, que sahiu a celebre carta amorosa de Jesus Christo á Magdalena, o famigerado salvo-conducto de Vercingetorix, as cartas de Racine a Boileau, de Luiz XVI a Maria Antonietta, de Molière, de Voltaire e ainda de outros homens superiores. E foi tambem por aquelle tempo que o espirito de imitação fez apparecer na Italia — cartas de Raphael e falsos sonetos de Tasso; na Inglaterra — versos de Byron e de Milton; na Allemanha — uma correspondencia completa de Schiller a Gœthe!

Sabido, pois, que o autographo constitue tambem um vantajoso producto commercial, vejamos de esguelha, por simples curiosidade, o elevado preço que alguns teem conseguido attingir no mercado em transacções levadas a effeito: um bilhete de Maria Stuart, 180$000 réis; uma carta de Mozart, 369$000 réis; uma do duque de Guise, 450$000 réis; a ultima carta de Camillo Desmoulins, dirigida á namorada, 540$000 réis; um bilhete de Napoleão, 684$000 réis; algumas linhas assignadas por Molière, 450$000 réis; um soneto de Musset, 73$000 réis; o testamento de Voltaire, 900$000 réis.

Que são umas quantias já bem respeitaveis não offerece duvida; todavia deve attender-se a que essas transacções foram feitas em meados do seculo passado, e que hoje os referidos autographos devem valer muito mais, evidentemente. (*)

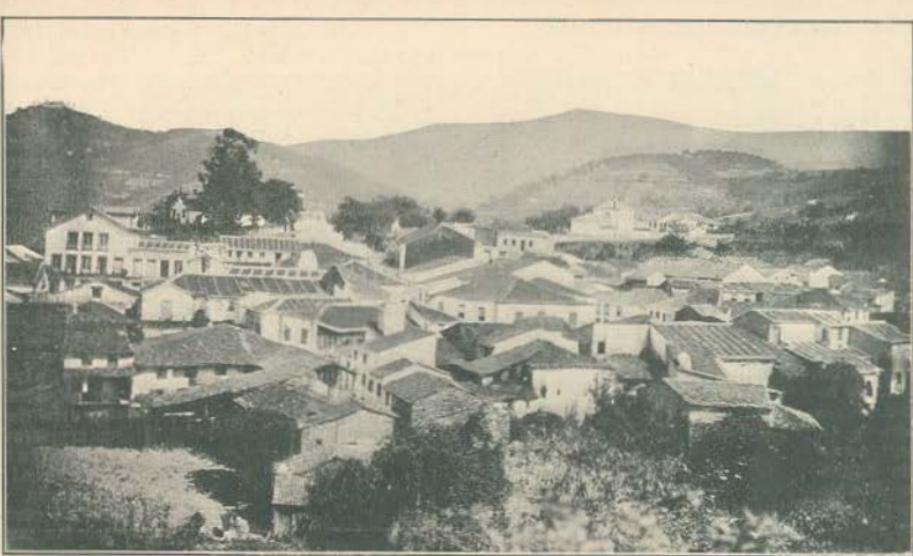
Mafra, outubro 1906.

PATROCINIO RIBEIRO.

(*) Os originaes dos *fac-similes* que acompanham este artigo estão em poder do seu auctor, a quem foram cedidos por amavel condescendencia dos signatarios, e fazem parte, entre outros, d'um album isographico, em preparação, de homenagem a Eça de Queiroz. — *N. do A.*

AS MODAS D'ESTE INVERNO

Modelo da casa Zimmermann, destinado especialmente á ILLUSTRAÇAO PORTUGUEZA

Vestido de theatro em tulle phantasia azul celeste guarnecido de fitas de seda azul e ixadrezadas

(CLICHE FELIX)

Um trecho de Arganil — *Clichés do sr. Braamcamp Madeira*

ARGANIL

Pois que alguns publicistas teem consagrado muitas paginas d'esta illustração a curiosos subsidios para monographias de terras portuguezas, tambem eu quero dizer alguma cousa sobre Arganil.

As suas origens parecem variar conforme os archeologos e curiosos que pretendem ter tratado o assumpto. Uns, mais patrioticos e mais commodistas, fazem-na uma povoação celta; outros, indo com a tradição, crêem na uma cidade romana, Argos, fundada ahi pelo anno 150 A. C. e muito florescente durante o imperio, estribando-se tambem em certas moedas que o padre Carvalho diz terem apparecido «no seu tempo», cuido que n'umas propriedades das margens do Alva; Faria e Sousa, no *Epitome das Historias Portuguezas*, segue tambem esta versão, accrescentando que depois a habitaram os arabes, que no anno 716 a invadiram e arruinaram, sem que depois ella conseguisse attingir o primitivo grau de prosperidade; e ultimamente o sr. visconde de Sanches de Frias, dando credito a uma estancia do poeta Braz Garcia de Mascarenhas (natural de Avô, a 20 kilometros de Arganil), julga-a a cidade Aufragia, que suppõe de fundação gallo-celta, alguns seculos antes de Christo.

O documento mais antigo que conheço referente a Arganil, com fóros de authenticidade, é a doação feita por D. Vermudo Peres e sua mulher D. Elvira Draiz ao *Santo Prior Goldrofe*, do convento dos Conegos Regrantes de Arganil, de umas herdades que possuiam na freguezia de Folques, — com data de 13 de junho de 1086 (E. C.), — encontrada pelo padre D. Theotonio de Mello e publicada por D. frei Nicolau de Santa Maria na sua *Chronica dos Conegos Regrantes do Patriarcha Santo Agostinho*, em 1669.

Em 25 de dezembro de 1114, meio anno depois da morte do conde D. Henrique, deu-lhe D. Tareja foral, que se encontra no *Livro Preto da Sé de Coimbra*; e no anno de 1122 fez d'ella doação aos bispos d'esta cidade «para o seu bispo D. Gonçalo», de cujo documento consta que antes tinha dado a villa a D. Fernando Pérez de Trava, conde de Trastamarra, que d'olla fez *deixação* por outras terras que a rainha lhe deu.

Tornando depois a villa a cair em poder dos mouros, só no seculo XIII voltamos a encontrar noticias certas d'ella.

◉

Aquelle Affonso Pires de que fala o doutor frei Antonio Brandão na IV parte da *Monarchia Lusitana* e que o infante D. Pedro de Portugal mandou do reino de Leão a Coimbra trazer as cabeças dos martyres de Marrocos era senhor de Arganil pelo anno de 1219, e apparece no *Nobiliario do Conde Dom Pedro* como o primeiro d'*Os de Arganil*. Claro está que, investido no senhorio da villa, juntou ao seu o nome d'ella, fazendo-o preceder da preposição *de*, — consoante os canones nobiliarchicos, a fim de indicar a maneira como havia tomado o appellido.

Pois este Affonso Pires de Arganil houve de saa mulher D. Velasquida de Çamora como filho primogenito a D. Affonso de Arganil de Çamora, que depois veiu a casar com D. Estevainha Pais, e d'ella teve alguns filhos que falleceram sem geração, vindo o senhorio a cair em sua filha D. Senhorinha Affonso.

Esta D. Senhorinha Affonso, — ou D. Marinha Affonso, como prefere Baptista Lavanha, contra a opinião do padre Carvalho, — recebeu por marido a Fernão Rodrigues Redondo, talvez um dos poetas da Escola de Santarem, ou pre-dionisica, como a denomina Theophilo Braga, — que no *Cancioneiro*

da *Vaticana* subscreve as cantigas 1147 e 1148, a quem se lhe identifica pelo nome, pela terra natal, e pela epoca de vida.

Foi este D. Fernão Rodrigues Redondo que fez construir para sua residencia os paços de Arganil, ao depois habitados pelos bispos de Coimbrá nas suas permanencias na villa, e cujas ruinas foram acabadas de demolir em 1868 para em seu logar ser edificada a casa da escola do conde de Ferreira. Perto de Arganil, a pouco mais de um kilometro, fez erigir para seu jazigo e de sua mulher uma capella de tres naves de artefactura grosseira, e que ainda hoje, apesar de todas as investidas á mão armada que os tempos e as respeitaveis juntas de parochia lhe teem feito, conserva bem definidos os traços romanicos da decadencia. «& por «mudar de parecer, & morrer sem filhos, fez seu «testamento, no qual deyxou que no Paço que ti«nha feyto em Arganil, se lhe fizesse huma capella, «& boas casas ao redor, em que «pudessem comer, & pousar nove «Capellaens comas obrigaçoens no «testamento declaradas; & quan«do morresse algum capellão, «que o Juiz de Arganil fechas«se todos os Capellaens na Ca«pella para elegerem outro para «Prior».

Capella de S. Pedro

Feito o testamento de *mão commum*, resolveu D. Senhorinha Affonso, por morte do marido, ir residir para Santarem, onde nos apparece viuva no anno de 1333, conseguindo—para que a vontade de seu marido fôsse cumprida—que o rei, em 1371, lhe trocasse os direitos, rendas e padroado que tinha sobre a Egreja de Arganil por outras rendas no districto de Santarem, ficando tambem com o padroado da Egreja de S. Nicolau, onde instituiu uma capella sob a invocação de S. Pedro, com todas as disposições que o marido deixára para a de Arganil, onde afinal fez seu jazigo.

Cuido bem que o facto da capella de S. Pedro hoje não ter abobada, e ter em seu logar uma cobertura travejada de apparencia mais ou menos recente, se deve attribuir a esta saida subita, acompanhada da mudança do jazigo do marido, que certamente fez desistir a donataria da conclusão da capella.

Debaixo do altar-mór ha uma vasta crypta sepulchral, que mais evidencia o fim da construcção, mas onde ha muito tempo ninguem vae.

Ficou portanto o padroado da egreja e a jurisdicção sobre Arganil pertencendo á Corôa, até que D. Affonso IV, em 1392, fez d'ella doação a sua neta D. Maria, filha de D. Pedro e D. Constança, como dote do seu casamento com o infante D. Fernando de Aragão (*Historia Genealogica e padre Carvalho*). Como, porém, ambos morressem sem geração voltou a villa para a posse da Corôa, até que D. João I, em 1423, a deu com todas as suas jurisdicções, excepto o padroado da Egreja, a Martim Vasques da Cunha, que pediu esta honraria—ao que parece—«por ter grande parentesco com os Cunhas de Pombeyro». A verdade é que o novo donatario não esteve muito tempo na posse da villa, porque no anno de 1432, nove annos depois da sua doação, pediu ao rei que o auctorisasse a trocal-a com o cabido de Coimbra pelo couto de S. Romão e pelas terras que em Belmonte e seu termo o cabido possuia.

MENINO JESUS
QUE SE ADORA NO SENHOR DA LADEIRA DE
ARGANIL

Segundo uma noticia do estudioso de velharias de Arganil, Mem Soeiro — sr. Luiz Sotto-Mayor de Sá Nogueira (Sá da Bandeira)—ahi por 1755, pouco mais ou menos, o bispo de Coimbra D. Fernando Coutinho, já então donatario d'esta villa, como acabamos de vêr, deu-a em fôro a Diogo Soares de Albergaria, companheiro do condestavel D. Pedro, aio de D. João II, e testemunha no contracto de casamento da infanta D. Joanna com Henrique IV de Castella, e a sua mulher D. Brites de Vilhena, madrinha da pia de D. João II, aparentada com a

casa de Bragança, por via de D. Alvaro, conde de Tentugal (hoj duque de Cadaval), filho do 4.° duque de Bragança D. Fernando I. Parece que por uma clausula de doação régia, Diogo Soares de Albergaria, filho de Fernão Gonçalves de Figueiredo, descendente do condestavel por seu quinto avô D. Ruy Vasques Pereira. irmão de D. Alvaro Gonçalves Pereira, prior do hospital e pae de D. Nuno Alvares Pereira, tomou os seus apellidos de seu avô materno.

Um trecho do tecto da egreja-matriz, mostrando o retrato de um dos beneficiados que mandou fazer a sua pintura, tendo ao lado a inscripção

Estando assim o senhorio de Arganil pertencendo á Sé de Coimbra, D. Affonso V, em 1471, para premiar os altos serviços que nas conquistas de Arzila e Tanger lhe prestou o bispo D. João Galvão lhe deu para elle e para os seus successores o titulo de conde de Arganil, que, como é geralmente sabido, ainda hoje é usado pelos bispos de Coimbra. «E porque as cousas dadas por honra e dignidade, — accrescentou o rei no padrão do titulo — não devem trazer comsigo diminuição alguma do já adquirido, e ganhado, queremos, e mandamos, que por causa da dita dignidade do conde, sua Cathedral Egreja, nem elle dito Bispo, nem successores seus Bispos de Coimbra, terras, lugares, villas, quintas, coutos, jurisdicções, homens, nem vassallos da dita Egreja, não sejam a nós, nem a nossos successores, nem a Corôa dos nossos Reynos, em cousa alguma d'aqui em diante mais sujeitos, tendos e obrigados, do que seriam se simplesmente fôssem Bispos de Coimbra, e do que foram atégora em tempo de seus antecessores». A *mercê* é de D. Affonso V...

Alto relevo da sacristia da egreja matriz

❀

O segundo foral de Arganil, que agora (por minha interferencia, visto que a camara municipal, a que de direito compete vigiar pelo seu archivo, descurou por completo o assumpto, e só tarde e a más horas, muito instada, se resolveu a tratal-o de largo) depois de uma longa e attribulada peregrinação por mãos de estranhos, parece querer regressar á terra a que pertence — foi-lhe dado por D. Manuel a 8 de junho de 1515. É escripto, como todos os documentos da epoca, em pergaminho, a lettra gothica e preta e algumas linhas a tinta encarnada, sendo as lettras iniciaes do periodo em tinta azul com ornatos de phantasia.

❀

A proposito dos donatarios da villa referimos a descripção de alguns monumentos de outras eras que Arganil ainda hoje conserva, e que seculos em fóra teem arrostado com a inclemencia vandalica dos naturaes e sobretudo — para edificação de estranhos... — dos modernos poderes publicos, para que no geral são escolhidos de preferencia galopins boçaes, ineptos e inhabeis, que teem votos e sabem *assentar o seu nome*; a conservação de certos edificios que basilam estadios na historia d'esta terra impunha-se aos seus dirigentes, se n'ella houvesse alguem que olhasse para estas cousas com olhos de vêr. E, já agora, não quero passar a descrever alguns outros monumentos dignos de menção, sem primeiro apontar o estado verdadeiramente lastimavel a que chegou a casa portugueza do seculo XVII, solar dos Perdigões Villas-bôas, e sobretu-

O volume da Semana Santa do hebdomadario da egreja de Santa Cruz, hoje na de Arganil

do a sua capella, mandada construir pelo padre João Chrisostomo de Figueiredo Perdigão Barreto Villas-bôas, onde existe o precioso retabulo da *Ceia* que o particularismo inconsciente tem applicado em arrumação de velhos materiaes de construcção ou palheiro de feno; e sobretudo os *retoques* que a capella de S. Pedro supportou nos começos do terceiro quartel do seculo XIX, epoca em que foi *dotada* com uma cimalha, caiando-lhe as suas pedras alternadamente *para dar á construcção um sabor mourisco*, o qual me permitto apodar de *estylo parochial*.

E agora começaremos pela egreja matriz.

Foi construida no seculo XVI, mas da parte primitiva pouco resta hoje, tantas teem sido as reconstrucções e os accrescentos que a necessidade de amplificar o templo parochial da freguezia, dia a dia crescente em população, tem motivado.

Ao que parece, soffreu na segunda metade do seculo XVIII radicaes modificações, como a construcção da frontaria, simplissima e banal construcção do seculo, a dos corpos e portas exteriores que a elles dão ingresso, a curiosa pintura do tecto, e a obra de talha do altar-mór, fria e carregada, porventura construida algumas dezenas de annos atraz.

Mas o que de todo se impõe a quem entra, é a preciosa capella Renascença, fronteira á capella do Sacramento, jazigos das familias locaes ultimamente representadas pelos Mellos de Bulhões, cujo ultimo descendente, D. José Maria de Vasconcellos de Azevedo e Silva de Carvajal — por casamento com sua prima D. Maria Isabel de Mello Freire de Bulhões, terceira filha de José Feliciano de Mello Godinho de Bulhões e de sua mulher D. Thereza Rita Freire de Vasconcellos Castello Branco — foi o primeiro e ultimo visconde e conde da Quinta das Cannas. Esta capella, encimada por um escudo esquartellado com as armas dos Sousas, Teixeiras, Costas e Fonsecas, é toda construida de pedra de Ançã e servida por uma vasta crypta sepulchral abobadada da mesma pedra; o documento da sua demarcação tem a data de 12 de novembro de 1658.

No pavimento superior encontra-se uma inscripção tumular, orlada d'uma cercadura Renascença, de desenho egual ao das columnadas do portico, que nos dá conta de estar ali sepultado Pedro da Fonseca, cavalleiro professo do habito de Christo, capitão-mór das villas de Arganil e Celaviza e administrador das minas de ouro de Folques, porventura o primeiro que occupou o sepulchro subterraneo e que no *Livro da Camara*, de 1651, excepcionalmente conservado no archivo com mais alguns, nos apparece como juiz ordinario da villa, sendo pelos mesmos annos provedor da Misericordia.

Os maiores damnos causados na capella foram os produzidos pelo arrancamento d'umas grades que a separavam do resto da egreja, que, com o triumpho das idéas liberaes, alguns populares levaram a effeito, em 34.

A restauração consciencioса d'esta capella impõe-se, tanto mais que o tecto abobadado, a parte mais delicada, ameaça desabamento, tendo já algumas peças sido substituidas por outras de madeira.

Imagens de valor não as tem a egreja. Apenas na sacristia um quadro representando a primeira queda de Christo, collocado em pessimas condições de luz e deteriorado pelo tempo, parece mostrar duas figuras boas; e um alto relevo, do que damos a reproducção em photographia, mostra certa vida e certa correcção.

O tecto é formado por cinco ordens de quadrilateros justapostos, separados por uma moldura de madeira, onde um mau pintor do visinho logar

Jazigo dos Mellos de Bulhões, na egreja matriz

das Seccarias — Oliveira Trovão — pintou scenas biblicas e allusões aos doutores da Egreja, e — segundo é crença local — o retrato de alguns reitores e beneficiados do Arganil. No d'um d'estes estampou n'um coração branco a seguinte legenda: *Esta obra mandarão fazer os RR. P. Manoel Velozo de Paiva & seus irmãos Ord.º José d'Almeida Velozo & Ord.º Ant. da Silva Velozo Desta V.ª d'Arganil. Anno de 1762.*

Entre as raras preciosidades que a egreja guarda quero distinguir o chamado Livro das Trevas, precioso manuscripto do penultimo seculo, com lettras iniciaes desenhadas a oiro e côres, que mede 1m×70 e reproduzo em photographia. É, a o volume da Semana Santa do hebdomario de Santa Cruz de Coimbra d'onde foi trazido, com mais dois volumes, pelo reitor Costa, que em 1834, auctorisado pelo bispo. lá foi escolher do que ainda encontrasse o que fôsse util á sua egreja.

◉

D'ella passarei á Misericordia, cuja indicação conhecida com mais antiguidade é o compromisso de 1642 e a carta régia de D. João IV que lhe annexa a confraria da Conceição, até ahi com administração autonoma. Parece ter sido instituição importante — como aliás ainda hoje é visto que no seculo XVIII tinha á sua testa gente das mais gradas familias do reino, referidas pelo padre Carvalho: Tavoras, que deixaram de usar o nome depois da conspiração; Mellos de Bulhões; Figueiredos (Villas-bôas) de quem hoje é representante a familia Figueiredo Perdigão; e Furtado de Mendonça, representado ao presente por via feminina — a unica que subsistiu - os quaes obtiveram de D. José em 30 de agosto de 1760 uma provisão concedendo á Misericordia o privilegio da renda dos abarracamentos da feira de Mont'Alto, e outra concedendo-lhe o privilegio de conduzir á sepultura todos os fallecidos da freguezia em esquife seu, mediante remuneração dos desnecessitados.

Interior da capella de S. Pedro

O alegre templo da Misericordia que hoje vemos nada tem da primitiva e acanhada capella, totalmente reconstruida em 1777, e que depois de ter servido de quartel e deposito de munições a lord Wellington e ás suas tropas, em 1809, foi reformada em 1870, anno em que as gerencias iniciaram os trabalhos successivos de amelhoração. Em 1879 foi instituida legataria da maior parte dos bens da condessa das Cannas, com a obrigação de fundar um hospital na sua casa nobre de Arganil, em bem enormaes circumstancias.

O avô da condessa havia consignado n'um livro de apontamentos um *Auto de lembrança* onde notificava dois vinculos da familia, um dos quaes instituido em 1715 por um seu antepassado, Manoel do Mello Collaço Gentil-Homem do Bulhões, fazia constar aos futuros que «todo aquelle de meus successores que fallecer sem geração, ficarão os seus bens pertencendo á Misericordia de Arganil». Este caso se vinha a dar com a condessa; e se bem que os vinculos apenas pudessem ter então auctoridade moral, parece que d'essa auctoridade se valeu alguem para a levar a que o destino da maior parte da sua fortuna fosse o desejo do seu remoto avô.

No logar em que assentava o seu solar existe hoje o hospital, habitação ampla e moderna que satisfaz a todos os requisitos exigidos, e cuja inauguração solemne teve logar em 1886.

◉

Cerca de seiscentos metros a nascente da villa ergue se o Mont'Alto, em cujo cume existe uma egreja consagrada á Ascensão, com que a devoção local e mesmo afastada tem grande apego. Do alto do monte que se alevanta, só, no meio da extensa varzea em que assenta a villa, limitada ao fundo pelo Alva, vê-se desenrolar para norte toda uma serie de montes, uma extensa fiada de povoações que ao longe termina por Vizeu, coroada pela serra do Bésteiros; para oeste o fundo do Bussaco, com a Cruz-Alta a anavalhar o azul do espaço.

A mais antiga noticia que até nós chega sobre o Mont'Alto é a memoria do *Santuario Mariano* que transcreve a lápide que sobre a porta principal da egreja se mostrava e rezava assim: «*Esta Igreja mandou fazer Francisco Pires, filho de Domingos Pires, natural desta villa, por seu irmão João de Coimbra, no anno de 1521*». Cuido bem no emtanto que não seria esta a primitiva construcção, já porque a tradição local dá conta de uma capella onde em principio fôra collocada a imagem da santa, ao depois cognominada do Mont'Alto, que o povo accrescenta na sua ingenuidade *ter apparecido miraculosamente n'aquelle sitio*, já porque tenho fortes razões para crer que a feira do Mont'Alto, de começo feita junto á egreja, transportada no seculo XVIII para o sopé do monte, e modernamente para o Passo (plano junto ao largo Ribeiro de Campos), remonta ao seculo XIV, razões que expanarei detalhada-

mente n'um capitulo consagrado ao assumpto da minha proxima monographia local — *Arganil.*

A capella de João de Coimbra não é, pois, — e n'isto vou feito com a opinião exposta pelo sr. padre M. Rodrigues no seu trabalho sobre o Mont'Alto — mais que a reedificação e ampliação com visos a templo, feita por este certamente em virtude de alguma *promessa*, como as que dão conta os *registos de milagres* suspensos da parede da entrada, onde se pode vêr a grande crença — hoje muito abatida — que sobretudo no seculo XVII havia com esta imagem, mesmo a grandes distancias da villa.

A egreja, que ainda hoje aufere optimos rendimentos de promessas e dadivas, nada tem já, ao que creio, da construcção de 1521, cuja inscripção ha muito desappareceu. Compõe-se em grande parte de modificações que no ultimo seculo lhe introduziram, afóra linhas geraes, altares, e a casa que rodeia a egreja no angulo nascente-norte, chamada — das hospedarias. — feita, ao que presumo, na ultima dezena do seculo XVIII, talvez na mesma occasião em que se construiu a egreja do Senhor d'Agonia (1796) no fundo do monte no plano dos Passos que o sobem, servida por identicas *moradas de romeiros*, que manteem o plano acanhado das casas rusticas d'esse seculo.

Modernamente atravancou-se o largo onde o Santuario se levanta com um mono de cantaria que serve de capella com a invocação da Senhora de Lourdes, e o contrasenso dirigente pretendeu ao lado d'esta erguer out a destinada a Presepio, collocando-o assim depois da Ascensão e de todos os Passos, como vamos vêr.

Um pouco abaixo da egreja está a capella do Espirito Santo, a mais recente de todas (1882-83), exposta á benção em agosto de 85. Parece que a sua imagem é muito antiga, sendo de novo incarnada e dourada com todos os arrebiques modernos n'este mesmo anno para ali ser exposta ao publico.

Descendo mais quarenta metros approximados encontra-se a egreja do Senhor da Ladeira, consagrada ao Calvario. Ahi se mostra n'um pequeno oratorio de vidro, afogado entre chapéus e sapatinhos minusculos, o famoso Menino Jesus vestido á Bonaparte — de collete branco e corrente de ouro, — sorrindo á gente dos seus trinta centimetros de tamanho. Corre que, pouco depois das invasões francezas, uma pobre mulher do Covêllo, de todas as vezes que ia ao Mont'Alto, levava os olhos presos do Menino. Até que um dia, falseada a vigilancia, se resolveu a leval-o comsigo para casa, onde a corporação o mandou buscar, sem se atrever a fazer mal algum á pobre mulher, que novamente se viu afastada, e para sempre, do seu querido Menino.

Para baixo encontramos as capellas da Queda, do Senhor preso á columna, não existindo já a da varanda de Pilatos por ser derruida aquando da construcção da estrada de carro. Para cá da Ribeira ainda mais uma que não me occorre ao certo o que representa. Depois a egreja da Agonia, que guarda verdadeiras preciosidades como o monolitho colorido do Christo, a imagem de S. Goldofre — o santo de Arganil — que nos começos do seculo XVII D. frei Nicolau de Santa Maria já apodava de antiquissimo, e a teia D. João V, composta unicamente de quatro partes entalhadas separadamente.

A capella de S. João onde os apostolos Pedro, João e Diogo estão dormindo pode ainda considerar-se, á falta de melhor collocação, no plano dos Passos: o Christo, ao erguer-se do spasmo da agonia, poderia bem exclamar encontrando-os a dormir ali perto — *Una hora non potuisti vigilarare mecum! Surgite!*

◉

Antes de terminar, quero ainda referir-me a uma curiosa collecção de pesos em bronze, doados por El-Rei D. Manuel á camara de Arganil, existentes no seu archivo. O peso maior é uma caixa de fórma d'um cone truncado, que terá uma arroba, contendo oito pesos submultiplos até duas onças, que pesam tanto como a caixa — e perfazem o total de duas arrobas.

A seguinte inscripção cinta a parte exterior do peso maior:

Me*Mando*Fazere*Dom*Emãnoel*Rei*De*Portvgal*Ãno*D*1499.

Esta caixa tem uma argola dupla, para a sua conducção, que gira entre duas espheras armillares, e sobre a tampa, de cada lado, tem duas armas reaes em alto relevo, com nove castellos, como no tempo se usava, encimadas por flôres de liz.

◉

Justo é consignar-se aqui que o progresso de Arganil ha umas dezenas de annos a esta parte se tem reduzido quasi absolutamente á iniciativa individual e ás necessidades naturaes, visto que esta terra tem tido a boa sina de escolher para seus representantes ou *trunphos* impostos pelo *alto* — o que lhe vale o despreso dos poderes publicos, — ou ineptos que apenas abrem a bocca, — para na melhor das hypotheses dar outra fórma ao bigode — incapazes em absoluto de advogar as causas alheias por falta de energia para resolver as proprias.

Arganil, 1906. — Agosto, 21.

VEIGA SIMÕES.

Os pesos manuelinos da camara de Arganil

Novos Poemas

Manoel da Silva Gayo

Sem duvida alguma, a figura intellectual de Manoel da Silva Gayo, o illustre secretario da Universidade de Coimbra, poeta, romancista, dramaturgo e critico de arte, é das mais interessantes sob o ponto de vista da multiplicidade de aptidões e das mais eminentes pelo seu culminante merito litterario, da mentalidade portugueza contemporanea.

Os leitores da *Illustração Portugueza* conhecem, de aqui a lerem nos dous artigos admiraveis sobre a casa de Sub Ripas e o Panthéon dos Silvas, a prosa colorida do escriptor magistral, a quem de direito absoluto compete um dos sceptros do estylo na nossa moderna litteratura. Nunca penna mais elegante o egualou na limpidez da phrase, no classicismo da linguagem, na donairosa gentileza da expressão. As suas scintillantes evocações historicas e os seus descriptivos da natureza são, em qualquer litteratura, modelares.

E' necessario associar a lembrança da prosa viril de Camillo á delicada pureza de estylo de Anatole France, além de encontrar a justa expressão de analogia para o exame litterario da obra lapidar do auctor dos *Ultimos Crentes*. E por isso mesmo, pelo seu culto apaixonado da forma e pela cinzeladura escrupulosa do periodo, esse ourives do estylo, esse Benvenuto da prosa, é o escriptor das aristocracias mentaes, desconhecido do grande publico, amado por uma *élite*, que ciosamente parece querer perserval-o do contacto depreciador das publicidades excessivas. Comtudo, na obra do poeta, do romancista e do dramaturgo ha paginas onde a belleza, longe de prejudicar a emoção, a valorisa com prodigiosos fulgôres, em que a ternura quasi feminil de uma alma inegualavel de artista sabe encontrar nas ourivesarias do seu estylo as mais humanas expressões da piedade, da misericordia e da dôr. Injustamente sequestrada da convivencia das maiorias, essa obra de nobreza e de belleza está exigindo um divulgador generoso e influente, que a diffuse e consagre. De ha muito que o theatro D. Maria deveria ter posto em scena o drama de Manoel da Silva Gayo, *Na volta da India* (1), como de ha muito que os pedagogos deviam ter ido buscar á sua obra, como a um dos mais puros mananciaes da lingua portugueza, paginas para as selectas, dando-lhes o logar hierarchico, que de direito lhes competia, entre Garrett, Latino, Camillo e Eça, e assim incutindo á mocidade o culto precoce por um dos maiores escriptores dos tempos modernos.

A *Illustração Portugueza* não quiz deixar de consagrar uma das suas paginas ao supremo artista, na hora em que Manoel da Silva Gayo, maior prosador ainda do que grande poeta, acaba de publicar o seu setimo volume de poesias, *Novos Poemas*, de onde trasladamos o seguinte admiravel soneto, digno da genial inspiração de Anthero:

DIALOGO

Disse-me um dia á mente o Coração:
«Quando lembro que aos fogos da Chimera
Teu amor immolei, fria Razão,
Logo um vago terror me afflige e altéra;

Porque temo não vás, fada severa,
Para agora punir minha traição,
Do teu porto negar-me a paz austera
Ao vêr-me naufragante da Illusão» !

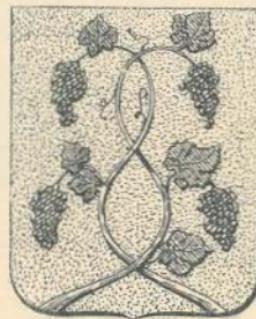
Mas a Razão, serena, respondeu:
«Descança, Coração; se me trahiste,
Já meu alto dictame te absolveu,

Pois li sempre através do que tentaste
Na mentira de quanto possuiste
A verdade de quanto desejaste»,

---

(1) As acquisições de guarda-roupa e *mise-en-scène* a que está obrigando a montagem do *Affonso d'Albuquerque* singularmente difficultam n'este momento a representação d'esta peça, verdadeira obra-prima de philosophia e de linguagem.

Azeredo

Azeredo. Em campo azul, oito contrabandas de ouro.
Timbre: Um leão de azul nascente contrabandado de ouro.

Bacellar

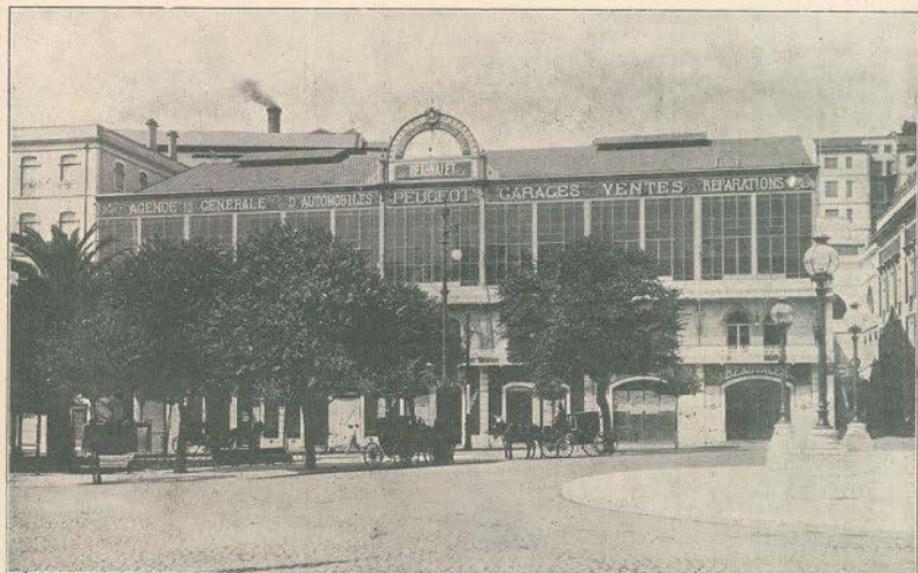
Bacellar. Em campo de ouro, dois bacellos ou vides retorcidas de sua côr, com folhas verdes e quatro cachos de purpura.
Timbre: Um leopardo de ouro nascente com uma folha de vide sobre a cabeça

Azevedo

Azevedo. Em campo de ouro, uma aguia negra estendida.
Timbre: A mesma aguia.

Baena

Baena. Escudo partido em pala; na primeira em campo de prata doze lisonjas vermelhas, na segunda em azul um leão de ouro, rompente; orla de ouro carregada de oito arruelas de vermelho.
Timbre: Um braço armado de prata com uma lança na mão enristada, tendo uma arruela do escudo na ponta.

A mais importante casa de automoveis em Portugal

A. BEAUVALET & C.TA

Representante de **PEUGEOT** a mais afamada marca de automoveis — Praça dos Restauradores, Lisboa

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa, Madame Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancia, phrenologia e physiognomonia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambroze e d'Arpentigney.

Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathegoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite, em seu gabinete, 43, Rua do Carmo, sobre-loja. Consultas a 1$000, 2$500 e 5$000 réis.

RUA DO OURO, 110

Esquina da R. de S. Nicolau

Succursal do

LISBOA

NESTLÉ

FARINHA LACTEA

32 medalhas de ouro incluindo a conferida na Exposição Agricola de Lisboa

Preço 400 réis

PEÇAM

EM TODA A PARTE

Aguas mineraes do Monte Banzão

COLLARES

TRADE MARK

MB

MARCA REGISTADA

R. Arco Bandeira, 216, 2.º

LISBOA

Almanach Illustrado d'O SECULO

PARA 1907

A venda em todas as livrarias e kiosques de Lisboa, Porto e provincias

Sedativo BEIRÃO

ANTI-DYSMENORRHEICO

E' o mais adequado e soberano medicamento para todos os soffrimentos que precedem ou acompanham as menstruações irregulares (dysmenorrhea). Cura ou allivia as colicas uterinas e dos ovarios, as dôres reflexas muito violentas na cabeça, estomago, ventre e quadris; vertigens, spasmos, convulsões, ataques nervosos, hystericos e outros; nauseas, vomitos, diarrhea, alnda a elevação do ventre por accumulação de gazes, a turgidez das veias das pernas e das hemorrhoidarias que muito complicam as menstruações irregulares. **O Sedativo «Beirão»** actua com especialidade sobre o utero, orgãos annexos e dependentes, dá-lhes energia muscular, regularisa as suas funcções e é muito efficaz na atonia dos ovarios e na debilidade ou fraqueza do utero. E' indispensavel na amenorrhea accidental ou suspensão subita das regras por effeito de resfriamentos, emoções ou sustos. **O Sedativo Beirão** contem propriedades tonicas, adstringentes e antisepticas, muito efficazes para debellar o fluxo brancoutero vaginal (leucorrhea).

O Sedativo «Beirão» é de grande valor therapeutico na menopausa ou cessação final das regras. Elle tonifica as fibras musculares do estomago e intestinos, assegura o regular movimento peristaltico e antiperistaltico d'estas visceras que, quando invertido, e origem e sustentaculo de graves perturbações gastro-intestinaes, diminue a pressão sanguinea, estabelece o equilibrio da circulação e consequentemente melhora os perigos da superabundancia de sangue e de outras molestias que sobrevêem pela cessação final dos menstruos n'esta mudança da vida da mulher. **O Sedativo» Beirão«** não é contra indicado nas molestias uterinas e dos ovarios que dependem de esões d'aquelles orgãos ou de intervenção cirurgica.

DEPOSITOS AUCTORISADOS:

Em Portugal: Pharmacia Liberal—*Avenida da Liberdade, 167; Lisboa.*

Pharmacia do Padrão — *Rua Formosa, 10, Porto.*

Inglaterra e colonias: **Mr. J Wyman.**

Export Druggist. *58 e 59, Bunhill Row London, E. C*

O principio e seguimento das minhas regras menses foi sempre annunciado e acompanhado de perturbações que constituiam para mim um verdadeiro martyrio e muitas vezes perdia os sentidos.

Foi n'uma d'estas crises que o meu medico assistente, o ex.mo sr. dr. Arantes Pereira me prescreveu o Sedativo Beirão Anti-dysmenorrheico, cujo effeitos calmantes se não fizeram esperar.

Tenho repetido o uso d'este agradavel remedio, uma semana em cada mez, e noto com verdadeira surpreza que as regras appparecem agora regularmente e sem dores.

Nem nos remedios caseiros nem das pharmacias jámais consegui um allivio.

Porto, rua de S. Lazaro, 126, em 30 de novembro de 1905.—Emilia Aurelia Fernandes.

(Segue o reconhecimento do tabellião Antonio Borges d'Avellar).

Instructions pour l'usage en portugais, en espagnol, en français, en anglais, en italien, en allemand, en hollandais, en russe et en hebraique.

Prix du flacon: huit francs. Franco pour tous les pays de l'Union postale contre mandat de poste adressé à Marciano Beirão. Avenida da Liberdade, 167—Lisbone.

Bilhetes Postaes illustrados a côres

Raul Peres Leiro, participa que acaba de receber a sua edição de postaes illustrados de **Novo Redondo** e **Benguella,** com vistas, trechos das fazendas, paizagens, margens do rio **N'Gunza,** costumes africanos e mais assumptos de interesse.

Recebem pedidos em Lisboa: Livraria Bertrand, rua Garret, 73; Livraria Ferreira & Oliveira, rua Aurea, 133; Oliveira, Machados & Duarte, rua da Prata, 68 a 74; Malva e Roque, rua do Arsenal, 139.

No Porto: Livraria de Lello & Irmão, rua dos Carmelitas, 134.

Na Africa Occidental: Loanda, Beltrão, Ferreira & Comta; Novo Redondo, Raul Leiro; Benguella, Costa Junior & C.ª; Quimballe, Oliveiras & C.ª; Bihé, Alves Medeiros.

Pedidos para revender a **Raul Leiro** — Novo Redondo

Caixa do correio n.º 8

CASA ESPECIAL DE CAFÉ DO BRAZIL

A. Telles & C.ª

Rua Garrett, 120 (Chiado), LISBOA — Rua Sá da Bandeira, 71, PORTO

TELEPHONE N.º 1:438

Café especial de Minas Geraes (Brazil)

Este delicioso café, cujo aroma e paladar são agradabilissimos, é importado directamente das propriedades e engenhos de **Adriano Telles & C.ª, de Rio Branco, Estado de Minas Geraes** e não contem mistura de especie alguma. **Todo o comprador tem direito a tomar uma chavena de café gratuitamente.**

LICOR VEGETAL

O melhor remedio e purificador de todas as molestias provenientes da impureza do sangue

PREÇO

1 frasco. 1$000 réis

7 frascos 6$000 réis

Para provincia PORTE GRATIS

Todos os pedidos devem ser feitos assim:

PHARMACIA BRAZILEIRA

15, L. de S. Domingos, 15-A

LISBOA